



NÚCLEO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ 1ª IPIC

CURSO

Servos de Cristo

Bem-vindo ao Curso Servos de Cristo

"Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor e não para as pessoas, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo".

Colossenses 3:23-24

Este curso vem na sequência do curso anterior "Servindo com alegria no Reino de Deus". Todos nós temos a mesma POSIÇÃO no reino de Deus: SERVOS. Paulo, por exemplo, se apresentava como SERVO de Cristo chamado para ser APÓSTOLO (Romanos 1.1). Posição, servo; função, apóstolo. Todos nós, também, temos a mesma posição no corpo de Cristo, mas com funções diferentes. *Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, embora sejamos muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros* (Romanos 12:4-5). Na igreja como edifício vivo, casa espiritual, todos servem e todos são servidos. Pedro deixa isto muito claro: *Sirvam uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como encarregados de administrar bem a multiforme graça de Deus* (1 Pedro 4:10).

Todos nós, quando nos convertemos, recebemos o dom do Espírito Santo e podemos servir uns aos outros. No entanto, precisamos crescer continuamente na graça e no conhecimento de Cristo (2 Pedro 3.18) para que possamos receber tarefas cada vez maiores. Paulo, por exemplo, começou a fazer discípulos de Jesus logo após a sua conversão (Atos 9.20,23-24). Depois, no entanto, fez estágio no deserto na Arábia e, por muitos anos em Tarso, sua cidade natal, antes de iniciar as grandes viagens missionárias a partir da Igreja da Antioquia.

Este curso visa contribuir para o seu crescimento espiritual, a partir do estágio em que você está, para que seja mais frutífero na vida cristã. A recompensa para todos os que servem com zelo e ardor no Reino de Deus é receber mais trabalho para fazer. – *O primeiro se apresentou e disse: "Senhor, a sua mina rendeu dez. "O senhor lhe disse: "Muito bem, servo bom! E porque você foi fiel no pouco, terá autoridade sobre dez cidades"* (Lucas 19:16,17).

Sejam bem-vindos

Mathias Quintela de Souza

Sumário

1. Encontro 1 – Servos aprovados	3
2. Encontro 2 – Líderes servos de Cristo	9
3. Encontro 3 – Servos de Cristo a partir das bases da igreja	13
4. Encontro 4 – A dinâmica do serviço na comunidade cristã	18
5. Encontro 5 – A dinâmica do encontro semanal	22
6. Encontro 6 – Servindo a igreja em potencial	27
7. Encontro 7 – Gerações conectadas no serviço do Reino	33
8. Encontro 8 – Multiplicação de Líderes/servos de Cristo	39
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
10. BIBLIOGRAFIA	44

Encontro 1 – SERVOS APROVADOS

Textos bíblicos chaves: **2 Timóteo 2.15; Atos 7.20-36; 1 Pedro 5.1-4; 1 Timóteo 4.12**

Todos os membros do corpo vivo de Cristo exercem ministérios de acordo com os dons livremente distribuídos pelo Espírito Santo (1Coríntios 12.7,11; 1 Pedro 4.10-11). Dentre esses membros, Cristo escolhe alguns, dando-os à igreja, com o objetivo de preparar todos os santos para que estes se edifiquem mutuamente, exerçam os seus ministérios e contribuam para que toda a igreja seja madura e frutífera (Efésios 4.11-16).

Em nossa igreja, cabe aos ministros da palavra, devidamente ordenados ou consagrados, o preparo dos seus membros para o exercício de ministérios a partir das comunidades de base da igreja (Efésios 4.11-12). De fato, todos os recursos que estão à nossa disposição, todo o treinamento que recebemos e todas as técnicas que aprimoramos têm por finalidade o pastoreio cuidadoso das pessoas que estão sob a responsabilidade dos líderes-servos.

Acima de tudo isto, porém, está a importância da nossa vida devocional. Nada substitui o cultivo da intimidade com o Deus vivo, pois *“toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança”* (Tiago 1.17). Por isso, tomando a exortação de Paulo a Timóteo, as experiências de Moisés com Deus e as exortações de Pedro, vamos descobrir como podemos ser servos aprovados na **C**onsagração, no **C**aráter e na **C**ompetência como servos de Cristo.

1. Servos aprovados na CONSAGRAÇÃO, na entrega

A experiência de Isaías registrada no capítulo 6 do seu livro nos ensina que antes da resposta ao chamado, é preciso ter visão da santidade de Deus, consciência do real estado espiritual de cada um, experiência de perdão dos pecados e da purificação de toda injustiça para só então responder: *“Eis-me aqui, envia-me a mim”* (Isaías 6.8). Caso contrário, podemos ficar frustrados no trabalho. Não devemos ser românticos quanto à nossa chamada para o serviço no reino de Deus. Leia Isaías 6.9-13 e verifique o tremendo desafio que esperava o profeta.

A exortação de Paulo a Timóteo é clara: *“Procura apresentar-te a Deus”* (2 Timóteo 2.15). De início, Moisés não foi aprovado na sua consagração, pois se entregou ao “trabalho de Deus” sem se entregar a Deus. Embora tenha sido instruído pela própria mãe nos princípios do Senhor, de ter sido *educado em toda a ciência dos egípcios* e de ser *“poderoso em palavras e obras”* (Atos 7.20-22), ele fracassou, mesmo sendo um adulto de 40 anos de idade. Porque, quando viu um hebreu maltratado por um egípcio, ele olhou para os lados e não olhou para o alto; temeu os homens, mas não temeu a Deus; quis ser um libertador, mas tornou-se um homicida e teve de fugir (Atos 7.23-29; Êxodo 2.11-15). No entanto, Deus não desamparou Moisés. Ele apenas precisava

crescer na escola de Deus. Ele precisava conhecer os seus limites, a sua insuficiência. Ao povo, Deus mostra os seus feitos; mas ao líder ele mostra os seus caminhos (Salmos 103.7). Para isto, é preciso crescer na intimidade com Deus. A fé tem a chave do céu, mas a oração conhece os caminhos do Senhor.

Como servo, seja um ministro, não um voluntário. O voluntário se oferece para fazer as coisas quando pode e do jeito que ele entende que deve ser feito. O servo submete-se à vontade de Deus para fazer o que ele quer, quando quer e do jeito que ele quer. Quando servimos assim, jamais seremos frustrados.

Agora, faça uma pausa

Leia Mateus 4.1-11. Medite. Jesus tinha ouvido diretamente do Pai: *“Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”* (Mateus 3.17). Mas o diabo o tentou para fazer coisas que provassem que ele era Filho de Deus: *“Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”*; *“Se és Filho de Deus, atira-te abaixo...”* (Mateus 4.3,6). Medite nas três tentações e no que elas significam para você. Como o diabo tenta você para fazer milagres e coisas espetaculares, bem como alcançar posições de honra e de glória para que você se sinta importante e pareça importante para os outros? Como vencer essas tentações?

2. Servos aprovados no caráter

Moisés era adulto, instruído, poderoso, mas inútil para a obra de Deus porque era autossuficiente. Por isso, ao tentar servir a Deus e ao seu povo, agiu com insegurança e tentou esconder o seu crime: *“Olhou de um e de outro lado, e, vendo que não havia ali ninguém, matou o egípcio, e o escondeu na areia”* (Êxodo 2.12). No entanto, Jesus disse que *“nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido”* (Mateus 10.26). Foi o que aconteceu com Moisés. Ao tentar, no dia seguinte, reconciliar dois hebreus que brigavam, ouviu do ofensor: *“Quem te pôs por príncipe e juiz sobre nós? Pensas matar-me, como mataste o egípcio? Temeu, pois, Moisés e disse: Com certeza o descobriram. Informado desse caso, procurou Faraó matar a Moisés; porém Moisés fugiu da presença de Faraó e se deteve na terra de Midiã”* (Êxodo 2.14-15).

Estêvão afirmou: *“Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam”* (Atos 7.25). Por isso, *“fugiu e tornou-se peregrino na terra de Midiã, onde lhe nasceram dois filhos”* (Atos 7.29). As coisas não acontecem como planejamos e como queremos. Deus não unge planos, mas unge pessoas. Daí a importância de nos entregarmos a Deus para realizar o projeto que ele tem para nós (Efésios 2.10).

A exortação do apóstolo é clara: Procura apresentar-te a Deus, *“como obreiro que não tem de que se envergonhar”* (2 Timóteo 2.15). Moisés, sem dúvida, era escolhido por Deus para ser o libertador do seu povo, mas no tempo e do jeito de Deus. Podemos fazer coisas boas, ainda que bem intencionados, mas

se formos autossuficientes, por certo faremos coisas erradas e teremos de que nos envergonhar.

Como já vimos antes, Deus não abandonou Moisés. Agora ele foi levado ao deserto, lugar de tratamento de Deus. Saiu do palácio como príncipe e tornou-se um pastor de ovelhas do seu sogro em Midiã (Êxodo 2.18-22.3.1). Durante 40 anos Moisés aprendeu a depender de Deus, a lidar com ovelhas e a conhecer o deserto por onde passaria com o povo mais tarde. Nesse lugar ermo ele dedicou-se a um trabalho árduo, anônimo, sem visibilidade, sem holofotes. De fato, a vida devocional autêntica está encarnada na vida real com todas as suas dificuldades e desafios. Deus nos tira dos esplendores dos palácios para nos ensinar os mistérios do Reino nas duras caminhadas do deserto. Passamos a conhecer as nossas limitações e as possibilidades de Deus.

Agora, faça uma pausa

Leia Deuteronômio 8 e reflita:

- Quais as provações do deserto?
- Quais as lições?
- Quais as promessas?
- Quais as advertências?
- Quais os resultados?
- O que se aplica à sua vida?

Se você já teve experiências negativas, se já fugiu, não desista. Deus está tratando você. O deserto não é permanente, mas é excelente escola.

3. Servos aprovados na sua competência

Deus chama as pessoas que ele mesmo capacita. Estêvão descreve assim o chamado de Moisés: *“Decorridos quarenta anos, apareceu-lhe, no deserto do monte Sinai, um anjo, por entre as chamas de uma sarça que ardia. Moisés, porém, diante daquela visão, ficou maravilhado e, aproximando-se para observar, ouviu-se a voz do Senhor: Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Moisés, tremendo de medo, não ousava contemplá-la. Disse-lhe o Senhor: Tira a sandália dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. Vi, com efeito, o sofrimento do meu povo no Egito, ouvi o seu gemido e desci para libertá-lo. Vem agora, e eu te enviarei ao Egito”* (Atos 7.30-34). Durante 40 anos esse homem poderoso aprendeu a depender de Deus. Quando foi chamado para a missão, reconheceu a sua incapacidade (Atos 7.34; Êxodo 3.10-12; 4.10-12). O voluntário se oferece; o servo é chamado. De acordo com os ensinamentos do Novo Testamento, todos os crentes são chamados, pois não há membro no corpo de Cristo sem função (Romanos 12.4-6); todos são também capacitados (Efésios 4.7; 1 Coríntios 12.7, 11).

Na terceira parte da sua vida, Moisés, enviado por Deus como chefe e libertador, tirou os seus irmãos do cativeiro, *“fazendo prodígios e sinais na terra do Egito, assim como no mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos”*

(Atos 7.36). A missão de Moisés prosperou porque tudo foi feito “*como o Senhor ordenara a Moisés e a Arão*” (Êxodo 12.50). O servo, ou ministro, obedece; o Senhor age. A vida de Moisés com Deus nos ensina lições importantes, guardadas as devidas diferenças e singularidades das experiências de cada um de nós.

Mais uma vez devemos observar a exortação do apóstolo Paulo: Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, “*que maneja bem a palavra da verdade*” (2 Timóteo 2.15c). Para ensinar o que significa “manejar bem a palavra da verdade”, Calvino usou a figura do pai de família que divide a porção certa de alimento para cada filho de acordo com as necessidades da sua faixa etária e das suas condições de saúde.

Essa competência do servo não depende só de educação formal, de escolaridade. A vida de intimidade com Deus, mediante exercícios espirituais em todas as fases da vida, capacita tanto o erudito Saulo de Tarso quanto os iletrados e indoutos Pedro e João (Atos 26.24; 4.13). Ela é fundamental na vida e ministério de todo o discípulo de Jesus.

Agora, faça uma pausa

Leia 1 Timóteo 4.6-9 e reflita.

“Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade (exercícios espirituais) para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser” (4.8).

- Escolha um parceiro entre os participantes do curso e elaborem um plano de disciplina espiritual.
- Ponha em prática o ensino do “Quarto de Escuta”.

4. Servos aprovados pelo exemplo

A origem da autoridade dos servos que exercem liderança espiritual não é a sua posição eclesial, nem a sua cultura, nem a sua experiência pessoal, mas o seu exemplo. Pedro escreveu aos líderes dos seus dias: “*Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós [...] não como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho*” (1 Pedro 5.2a, 3). Paulo aconselhou o seu discípulo e filho na fé: “*Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza*” (1 Timóteo 4.12).

Dentre as áreas em que ele deve ser exemplo, destaca-se o bom uso das finanças. Caso contrário, ele não poderá exercer uma liderança efetiva, com resultados duradouros que glorifiquem a Deus e que tragam real satisfação no seu trabalho. Moisés é referência de obreiro que é exemplo na consagração, no caráter e na competência. Por isso quando ele fala ao povo, em nome do Senhor, para que todos tragam suas ofertas (Êxodo 25.1-2), a resposta vai além

da expectativa (Êxodo 36.5). O líder que pratica o que ensina tem autoridade e os resultados trazem alegria para ele e glória para Deus.

Um servo cristão deve seguir os ensinamentos de Jesus sobre o dinheiro. Ele nos ensinou que não devemos juntar tesouros na terra, mas sim no céu (Mateus 6.19-20) e que não podemos servir a Deus e a mamom (riquezas) ao mesmo tempo (Mateus 6.24). Por isso, ele ensinou lições práticas quando enviou os seus discípulos sem dinheiro (Mateus 10.7-10) para que aprendessem a depender de Deus e viver pela fé.

O servo cristão serve de exemplo aos seus liderados quando administra as suas finanças de acordo com os princípios da Palavra de Deus aqui resumidos: vive do resultado do seu trabalho (2 Tessalonicenses 3.7-10); demonstra contentamento com o que tem (1 Timóteo 6.6-8); não se apegando ao dinheiro (1 Timóteo 6.10-17); não deve nada a ninguém, exceto o amor (Romanos 13:6 a 8); investe o dinheiro no que é necessário (Isaías 55.2); não se compromete como fiador de dívidas (Provérbios 11.15) a menos que esteja disposto a importunar a quem avalizou (Provérbios 6.1-5) e a fazer provisão para o pagamento, se necessário, como corresponsável (Provérbios 22.26-27).

Deus nos confia bens para que sejam administrados de acordo com os seus propósitos. Ele instituiu também o princípio do dízimo, a décima parte do que ele nos dá e que deve ser consagrada a ele. É um sinal da soberania que Deus exerce sobre todos os nossos bens.

O dízimo é ato de culto. Esta era a prática dos patriarcas Abraão e Jacó antes da promulgação da Lei (Gênesis 14.18-20; 28.18-22). Depois, foi ordenado por Deus e incorporado na Lei de Moisés (Levítico 27.30-33; Números 18.21). O dízimo deve ser entregue na casa de Deus. Não é administrado pelo ofertante (Malaquias 3.8-12). Apesar de o dízimo ser um ato espontâneo e consciente do adorador, há, no entanto, uma promessa de Deus para quem obedece (Malaquias 3.10).

O princípio do dízimo foi reafirmado por Jesus, praticado com motivação correta (Mateus 23.23). Não caducou com o sacerdócio aarônico, porque o primeiro dízimo foi entregue por Abraão a Melquisedeque, tipo do sacerdócio permanente de Cristo, que precede e sucede o sacerdócio de Aarão (Salmo 110.1,4; Hebreus 6.20; 7.15-17). Ao entregarmos o dízimo ao sacerdote eterno (Jesus), estamos andando nas pisadas de Abraão, o nosso pai na fé (Romanos 4.11; João 8.39). O dízimo deve ser entregue como primícias, nunca como sobra (Provérbios 3.9-10).

No Novo Testamento a graça supera a lei. A contribuição é dez por cento em Malaquias 3.10; cinquenta por cento em Lucas 19.8; cem por cento em Lucas 21.1-4. Na contribuição somos movidos pela graça e agimos com a consciência sem a coerção da lei.

O servo, que exerce liderança, portanto, deve ser dizimista de coração e generoso nas ofertas voluntárias para que exerça uma liderança eficaz.

Agora, faça uma pausa

Refleta:

- Em que você precisa mudar para que seja exemplo na administração das suas finanças pessoais?
- Ser dizimista é algo natural para você?
- Em que outras áreas o líder-servo deve ser exemplo?

Encontro 2 - LÍDERES SERVOS DE CRISTO

A liderança é importante em qualquer grupo social, seja numa escola, numa associação de bairro, numa empresa, ou numa equipe esportiva, política e de administração pública. A liderança no reino de Deus deve ser exercida no espírito de Jesus. Ele veio para servir e não para ser servido. Os servos líderes apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres equipam todos os santos para que estes exerçam a obra do ministério e se edifiquem mutuamente (Efésios 4.11-12). O resultado é uma comunidade de servos. *Sirvam uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como encarregados de administrar bem a multiforme graça de Deus* (1 Pedro 4:10). Cada crente maduro tem disposição para servir e humildade para ser servido. O objetivo da pregação e da educação cristã é levar todos à maturidade.

Agora, faça uma pausa

Relembre três servos de Cristo que influenciaram a sua vida e aponte duas qualidades de cada um deles.

1. Estilos de liderança

O líder a serviço do reino de Deus precisa ter credibilidade diante dos seus liderados e para isto precisa ser APROVADO no seu caráter, na sua consagração e na sua competência. Além desse preparo espiritual, ele precisa também conhecer o seu temperamento, as suas tendências, as suas dificuldades e as suas potencialidades para que possa desenvolver bem habilidades e competências no serviço que presta. Por isso, é importante saber que, na prática, existem lideranças de estilo autocrática, democrática e facilitadora. Propomos a liderança facilitadora, mas é aconselhável assimilar pontos positivos dos outros estilos de liderança. Para isto é necessário conhecer esses estilos bem como as suas vantagens e desvantagens.

1.1. Liderança autocrática

Basicamente é centrada na pessoa do líder. O objetivo de quem exerce este tipo de liderança é ser obedecido. É o líder quem determina como caminhar e para onde caminhar. Toma sobre si toda a responsabilidade pelo êxito ou erro. Esse estilo tem **vantagens**: a) agilidade nas decisões; b) maior facilidade para promover mudanças; c) transmite senso de segurança ao grupo. Por outro lado, tem **desvantagens**: a) desestimula a criatividade e inovações; b) inibe o surgimento de outros líderes; c) pode gerar um ressentimento geral de desprezo entre os liderados; d) infunde medo entre os membros do grupo; e) desmotiva um envolvimento maior por parte das pessoas; f) pode dificultar o desenvolvimento da maturidade das pessoas do grupo.

1.2. Liderança democrática

É baseada no trabalho em grupo no qual o líder, no exercício da sua função, ouve, consulta e conversa com seus liderados antes de tomar uma decisão ou iniciar um novo projeto. A função do líder é ser um moderador de opiniões.

Neste estilo de liderança, o grupo é o centro, não o líder, e há também vantagens e desvantagens.

Vantagens: a) valorização e respeito aos membros do grupo; b) a participação de todos é permitida; c) há oportunidade para discussão de novas ideias e propostas que enriquecem o grupo; d) facilita o envolvimento de todos nos projetos do grupo; e) divide a responsabilidade, evitando que as tarefas recaiam apenas sobre dois ou três; f) dá oportunidade ao diálogo e à comunicação interpessoal.

Desvantagens: a) demora na ação em tempos de crise; b) perda de controle do grupo e dificuldade, em algumas situações, para manter o diálogo e a autoridade; c) dificuldades para liderar um grupo de pessoas imaturas; d) mudanças mais lentas; e) possível desperdício de tempo e energia.

1.3. Liderança facilitadora

Tendo em vista principalmente as desvantagens das lideranças autocrática e democrática, propomos a liderança facilitadora, no modelo de Jesus e na visão da igreja local como comunidade do Reino vivendo em comunidades de base, pelos seguintes motivos: a) é baseada no princípio da submissão ao superior e no serviço ao subordinado; b) cria ambiente para que os membros do grupo sirvam uns aos outros de acordo com os dons espirituais de cada um como administradores da multiforme graça de Deus; c) torna possível o desenvolvimento de cada membro da dependência (criancinha) para a independência (juventude) até a interdependência (maturidade); d) prepara novos líderes no trabalho e em cursos para os quais são enviados; e) ao mesmo tempo em que descentraliza a autoridade, ela integra as ações numa estrutura de liderança como rede de cuidado pessoal.

O modelo do líder facilitador é o Senhor Jesus Cristo. Em três anos e meio ele facilitou o desenvolvimento de homens rudes, iletrados, mas sinceros e ensináveis, em líderes que deram continuidade à sua obra depois da sua ascensão aos céus. O líder facilitador, seguindo nas pisadas do Senhor e Mestre, supera as barreiras da incredulidade; avança mesmo quando tem que esperar contra a esperança; é constante em seus objetivos, estratégias e ações (Tiago 1.8); não se dá o direito do desânimo e não retrocede (Hebreus 10.38-39).

Agora, faça uma pausa

- Com qual estilo de liderança você mais se identifica? Por quê?
- À luz da leitura do texto acima, quais os seus pontos fracos? E os pontos fortes? Em que você precisa melhorar?

2. Como exercer a liderança facilitadora

Na visão da igreja local como comunidade do Reino vivendo em comunidades de base, a liderança, ou pastorado, é exercida em todos os níveis da estrutura, ou seja, desde o pastor geral, os pastores de distrito, os superintendentes de área, os supervisores, até aos líderes das comunidades de base que exercem,

efetivamente, essa facilitação nas bases, de onde fluem a vida e a missão da igreja, bem como em todos os ministérios de apoio.

2.1. Em nível do ministério do pastor geral, dois paradigmas são quebrados em relação à igreja convencional: a) do MINISTRO (centralização) para CAPACITADOR DE MINISTROS (descentralização); b) de CAPACITADOR de ministros para um SISTEMA DE CAPACITAÇÃO. Esse sistema consiste de uma trilha na área da educação cristã cujo objetivo é promover o crescimento em Cristo para que cada membro, de “filhinho”, se transforme em “jovem”, que se transforme em “pai” conforme 1 João 2.12-14. Ou seja, visa a formação de liderança para que cada membro possa tornar-se e atuar ministerialmente tanto na estrutura das comunidades de base, quanto nas áreas de apoio e em toda situação cotidiana em que se ache inserido. Para que este objetivo seja alcançado, deve haver empenho intencional no envolvimento de todos nas comunidades de base e nas celebrações públicas.

2.2. Os pastores de distrito facilitam o ministério dos superintendentes de área, planejando e supervisionando as atividades para assegurar-se que cada pessoa, que é recebida à comunhão da igreja pelo batismo ou outros meios, passe por todas as etapas da trilha até tornar-se efetivamente um ministro.

2.3. Os superintendentes de área facilitam o ministério dos supervisores através de planejamento e acompanhamento para que estes sejam: a) suporte aos líderes das comunidades de base e, b) os supervisionem tendo como critérios de controle de qualidade os cinco sistemas da vida dessas comunidades, e se assegurem que cada membro está na trilha de capacitação para o exercício de ministérios de acordo com os seus dons.

2.4. Mas o grande facilitador é o líder da célula que serve na base. Tomando como referência os cinco sistemas da vida em comunidade, cabe ao líder ser facilitador dos membros nas seguintes áreas: a) comunhão, incentivando os membros a viverem como comunidade e não simplesmente participarem dos encontros semanais; b) incentivar os membros que passaram pelo discipulado básico para que assumam o discipulado de novos, pois é discipulando que desenvolve como discipulador; c) transformar o momento da evangelização no encontro semanal em oportunidade de incentivo e treinamento de cada membro para a evangelização das pessoas do seu círculo de relacionamento (oikos); d) estar atento para líderes em potencial para capacitá-los na prática por meio de delegação de tarefas e encaminhá-los ao curso de capacitação de auxiliar de líder; e) incentivar cada membro a prestar contas e ser o líder mesmo um exemplo nesta área, prestando contas aos seus liderados e ao seu supervisor.

2.5. O pastor geral e sua equipe têm dois grandes focos: Oração e Palavra (Êxodo 18.19-20; Atos 6.2-4). Na oração, representam o povo perante Deus e levam as suas causas a Deus; como ministros da palavra, proclamam o evangelho e supervisionam a educação cristã para que todos sejam formados nos princípios básicos da fé cristã e capacitados para o exercício de ministérios. O pastor geral delega autoridade numa estrutura de liderança que chega aos líderes das comunidades de base para que o ensino pastoral, transmitido nas celebrações dominicais, seja aplicado à vida cotidiana das ovelhas. O líder ou a pessoa a quem ele delegar a edificação não é professor

nem pregador, mas um facilitador para a edificação mútua pela palavra e pelo exercício dos dons espirituais. *Assim, se toda a igreja se reunir no mesmo lugar e todos se puserem a falar em línguas, no caso de entrarem pessoas não instruídas ou não crentes, será que não vão dizer que vocês estão loucos? Porém, se todos profetizarem, e entrar ali um não crente ou não instruído, ele será convencido por todos e julgado por todos. Os segredos que ele tem no coração se tornarão manifestos, e, assim, prostrando-se com o rosto em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vocês. Que fazer, então, irmãos? Quando vocês se reúnem, um tem um salmo, outro tem um ensino, este traz uma revelação, aquele fala em línguas, e ainda outro faz a interpretação. Que tudo seja feito para edificação* (1 Coríntios 14:23-26).

CONCLUINDO

Líder é uma palavra inglesa transliterada que significa “guia”, “condutor”. Na Bíblia, a palavra que melhor expressa a ideia de um líder servo de Cristo é PASTOR, cuja função é o CUIDADO das ovelhas. O objetivo é que todos os membros do corpo vivo de Cristo se tornem maduros. Assim todos cuidam e todos são cuidados e a igreja pode ter um crescimento exponencial sustentado. O ministério pastoral se multiplica. No entanto, como o propósito de Deus para a igreja é que ela seja uma comunidade de discípulos que fazem discípulos, sempre haverá, em nível de maturidade espiritual, criancinhas, jovens e adultos. Portanto, numa igreja neotestamentária, o recém-convertido recebe os primeiros cuidados pastorais num clima de comunidade e de família num grupo pequeno. Assim, integrada na comunhão, ele poder crescer e ascender a todos os níveis de liderança (pastoreio) da igreja.

Agora, faça uma pausa

Como você está?

- Você está vivendo numa comunidade de base (célula, grupo pequeno)? Que funções você está exercendo no seu grupo?
- Está evangelizando alguém do seu círculo de relacionamentos (oikos)?
- Está discipulando alguém?

Encontro 3 - SERVOS DE CRISTO A PARTIR DAS BASES DA IGREJA

Serviço ao subordinado e submissão ao superior

A visão da igreja como comunidade do reino em comunidades de base, compartilhada hoje por cristãos no mundo inteiro, tem sido entendida como resposta à oração por uma forma de ser igreja que torna viável tanto o cuidado pastoral de cada ovelha do rebanho, como o envolvimento de cada uma delas na tarefa de tornar Cristo conhecido no mundo e de promover o reino de Deus.

As celebrações coletivas de todos os membros de uma igreja local e os encontros nas casas em grupos pequenos para comunhão e fortalecimento para o exercício da missão, fazem parte de um modelo aplicável tanto às condições históricas da igreja primitiva, nos dias dos apóstolos, como também se fundamentam em princípios universais que refletem os propósitos de Deus quanto à natureza e à função da igreja no mundo em qualquer época e em qualquer lugar. Essa visão não compromete em nada, na tradição presbiteriana independente, as doutrinas e forma de governo que são herança de uma genuína ortodoxia cristã e reformada.

1. O que é uma igreja em comunidades de base

É uma igreja local que vive como uma comunidade cristã em comunidades de base (grupos pequenos, grupos familiares, células). Dessas comunidades fluem a vida e a missão da igreja que encontram expressão coletiva nas celebrações e atividades da igreja como corpo. Os diversos ministérios da igreja não dividem os seus membros em atividades segmentadas (departamentos), mas apoiam as comunidades de base para que vivam ricamente as experiências de comunhão, de auxílio mútuo, de evangelização e de discipulado.

Os grupos pequenos, integrados numa igreja local como células de um organismo vivo, abrem possibilidades imensas para mobilizar cada crente tanto na comunhão como na missão da igreja. Esse alvo, plenamente viável, tem sido apresentado nesta frase: “Cada casa uma igreja, cada crente um ministro”. Nosso objetivo nesta lição é refletir sobre os princípios e os valores que devem ser praticados para o fortalecimento interno da igreja e para a sua presença no mundo como agente do reino de Deus, comprometida com a transformação de pessoas, famílias e sociedade.

Agora, faça uma pausa

- Reflita: O que, na prática, significa “Cada casa uma igreja e cada crente um ministro”?

2. Fundamentos bíblicos, teológicos, históricos e práticos

O grupo pequeno, como comunidade de base da igreja local, fundamenta-se em princípios bíblicos, teológicos e históricos.

2.1. Quanto aos fundamentos bíblicos da igreja em comunidades cristãs, destacam-se: (1) o estilo de ministério do Senhor Jesus Cristo, (2) as igrejas domésticas do Novo Testamento e (3) a estrutura leve que torna possível a prática de “uns aos outros”, expressão recorrente nos evangelhos e nas epístolas.

2.1.1 O estilo do ministério de Jesus se expressa no seu relacionamento com os apóstolos, chamados individualmente desde o início (Marcos 3.13-19), para que formassem a comunidade messiânica dos doze, a “célula mãe” da igreja, na qual o fundamento foi implantado (Efésios 2. 20-22). Depois Jesus os comissionou coletivamente (Mateus 28.18-20) e nenhum deles foi excluído. Esse grupo expandiu-se para setenta (Lucas 10.1-11,17-20) e, depois da ressurreição, estava formada uma comunidade de mais ou menos 120 pessoas comprometidas com os princípios, valores e propósito do reino de Deus (Atos 1.12-15). Essa comunidade era o odre novo pronto para receber o vinho novo do Espírito Santo. Quando os membros dessa comunidade original receberam a plenitude do Espírito Santo, eles começaram a compartilhar sua história (Atos 2.1-4, 15-20) e se multiplicaram em centenas e milhares de comunidades de base (igrejas domésticas, células) a partir do Pentecostes (Atos 2.46; 5.42; 20.20).

2.1.2 No início os cristãos se reuniam nas dependências do templo judaico em Jerusalém até o martírio de Estêvão (Atos 2.46; 5.12). No seu discurso de defesa, Estêvão afirmou com base no profeta Isaías, que o Altíssimo não habita em casas feitas por mãos humanas (Atos 7.48-50). Este foi o principal motivo para que fosse condenado ao apedrejamento e para que os cristãos perdessem o acesso ao templo. Isto, no entanto, motivou a expansão missionária até Antioquia por meio daqueles que foram dispersos (Atos 11.19-26). De Antioquia as boas novas alcançaram os confins da terra. No ano 70 dC o templo foi destruído pelos romanos e não se construíram templos cristãos até o século IV. As referências feitas no livro de Atos dos Apóstolos e, principalmente nas epístolas paulinas, às reuniões que aconteciam nas casas de cristãos (Atos 20.20; Romanos 16.3-5, 14-16) demonstram a importância dos grupos pequenos como células vivas do corpo de Cristo. Os que foram batizados, como resultado da pregação de Pedro, chegaram a quase três mil e se reuniam de casa em casa (Atos 2.46). Se considerarmos a média de dez pessoas em cada casa, já teríamos, no início, cerca de trezentas igrejas domésticas. Mas o número chegou logo a quase cinco mil (Atos 4.4) e esse número continuou a multiplicar-se (Atos 6.1), o que implica na multiplicação das reuniões nas casas. Com reuniões centralizadas no templo (que não era templo cristão) os apóstolos não dariam conta nem haveria espaço para acomodar a todos. Sob a liderança dos apóstolos, cada igreja doméstica contava com liderança efetiva.

2.1.3 No Novo Testamento, a expressão recorrente “uns aos outros” mostra que o conhecimento de necessidades (Atos 2.44-45), a função terapêutica da comunidade (Tiago 5.16), o exercício dos dons por todos na reunião para

edificação de todos (1 Coríntios 14.23-26; 1 Pedro 4.10) explica a vida impactante desses cristãos por intermédio dos grupos pequenos. Quando necessário, achavam espaços para a evangelização e para encontro dos irmãos de uma região (Atos 17.19-31; 19.8-10; 20.7-8).

2.2. Teologicamente, os grupos pequenos se fundamentam na natureza comunitária da vida cristã e no princípio do sacerdócio universal dos crentes.

2.2.1 Os cristãos professam a sua fé num Deus que é trino: Pai, Filho e Espírito Santo, portanto um único Deus que subsiste em três pessoas. A forma mais alta de vida se expressa em comunidade. Logo, o Deus trino criou comunidades humanas, pois criou a família, Israel e a igreja. A vida em comunidade, portanto, reflete a imagem e semelhança de Deus presente nos seres humanos. O que caracteriza o povo de Deus não são as realizações, mas os relacionamentos com o Deus trino e uns com os outros na unidade do Espírito Santo.

2.2.2 Quanto ao sacerdócio universal dos crentes, trata-se do importante ensinamento bíblico (1 Pedro 2.4-9; Apocalipse 5.9-10) resgatado na reforma protestante. Este princípio, corretamente entendido e praticado, confronta a separação entre clérigos e leigos como desvio que foi acontecendo ao longo da história e que usurpa os ministérios do povo de Deus. A estrutura de pequenos grupos possibilita a cada crente exercer os seus dons, viabilizando, portanto, o sacerdócio de todos os crentes.

2.3. O fundamento histórico da igreja em comunidades de base remonta-se à experiência da igreja dos primeiros tempos, que se reunia de “casa em casa”, como já vimos. O processo gradual de oficialização do cristianismo como religião do império romano, sob os imperadores Galério (311 d.C.), Constantino (325 d.C.) e Teodósio (392 d. C.), foi o triunfo da burocratização e corrupção da igreja cristã. O ministério exercido por todos os crentes, em todos os lugares e em todos os dias foi se reduzindo ao ministério sagrado de alguns ministros ordenados (sacerdotes), a um lugar sagrado (basílica, catedral, templo), num dia sagrado (domingo) até que o Concílio de Laodiceia (360) proibiu as reuniões domésticas e a celebração da Ceia do Senhor nos lares. A igreja foi retornando aos odres velhos do Antigo Testamento, afastando-se dos ensinamentos e práticas de Jesus e dos apóstolos. A reforma protestante, embora tenha feito soprar os ventos do Espírito, logo a seguir, com a ortodoxia protestante, tornou suas práticas eclesiais e doutrinárias demasiadamente inflexíveis e pesadas. A institucionalização da reforma provocou movimentos de reação, tais como os pietistas e moravianos, que viviam em comunidades que formavam a “eclesiola in eclésia” (igrejinha na igreja); João Wesley, com seu “clube dos santos”. Estes movimentos, especialmente João Wesley com suas “reuniões de classe”, são precursores do moderno movimento de pequenos grupos.

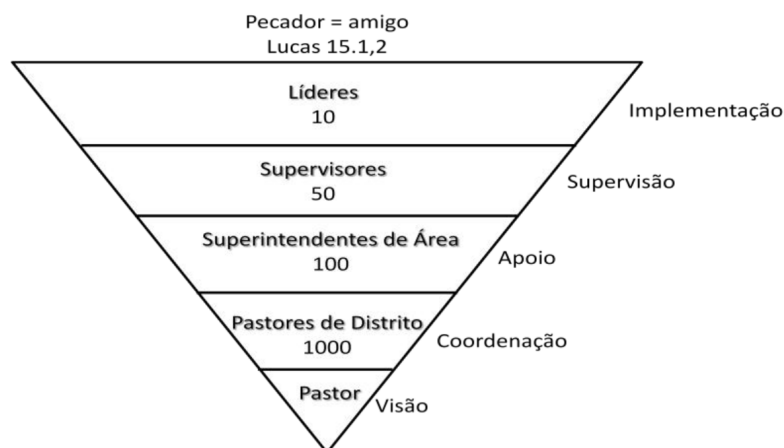
2.4. Por fim, os pequenos grupos como comunidades cristãs de base caracterizam-se por sua praticidade. Destacam-se as seguintes vantagens: a) facilita a mobilização de todos os membros para a missão da igreja; b) facilita o desenvolvimento da comunhão entre os irmãos pelo convívio mais íntimo; c) facilita a evangelização como estilo de vida porque é feita através de relacionamentos; d) produz crescimento quantitativo e qualitativo da igreja; e)

descentraliza o trabalho pastoral, possibilitando que todos os membros da igreja recebam cuidados pastorais.

Em virtude destes sólidos fundamentos, o Conselho da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba decidiu iniciar o processo de transição de uma igreja convencional para uma igreja em células em 2008 com duas células protótipo. Essas células se multiplicaram e chegaram a mais de vinte células. Por razões diversas o crescimento estacionou, depois regrediu, e hoje permanecem doze células. O desafio no momento é a retomada do processo como a melhor estratégia para ganhar vidas para Cristo e para cuidar destas vidas.

A estrutura de liderança já implantada na Primeira IPIC deve ser desenvolvida. Ela segue o modelo de Jetro (Êxodo 18.17-26) combinado com o modelo de Jesus e com o ministério quádruplo de Efésios 4.11-12. No modelo de Jetro, o princípio é o de delegação de autoridade pastoral a chefes de mil (pastores de distrito), de cem (superintendentes de áreas), de cinquenta (supervisores) e de dez (líderes de células). Esses números representam princípios de liderança essenciais para o sucesso operacional de qualquer organização: *coordenação, apoio, supervisão e implementação*. Jesus segue os mesmos princípios, mas ele inicia pela unidade básica e, através da multiplicação dessa unidade, ele expande a sua visão até os confins da terra, pela formação de uma comunidade universal em sua natureza e missão (Efésios 1.22-23). Jesus modelou a unidade básica (célula) com os *doze discípulos*, que correspondem aos líderes de dez (*implementação*); ele testou o seu modelo com os *setenta* colaboradores, que correspondem aos líderes de cinquenta (*supervisão*); ele estabeleceu seu modelo com os cento e vinte discípulos, que correspondem aos *líderes de cem* (*apoio*); por fim, Jesus alcançou *milhares no dia de Pentecostes* (*coordenação*) e providenciou líderes para esses milhares (Efésios 4.11-12). Mas a chave do sistema do Novo Testamento é o líder da unidade básica, cuja célula-mãe foi a comunidade dos doze apóstolos, porque o líder facilita a implantação dos grupos pequenos nas casas, como estrutura básica, representando a igreja na sua expressão mais simples. Esta estrutura pode ser representada pelos dois gráficos abaixo:

EXÉRCITO	JETRO	JESUS	PRINCÍPIO	IGREJA EM CÉLULAS
Batalhão	1000	3000	Coordenação	Pastores de Distrito
Companhia	100	120	Apoio	Superintendentes de Área
Pelotão	50	70	Supervisão	Supervisores de Células
Esquadra	10	12	Implementação	Líderes de Células



A pirâmide invertida ajuda a compreender o ensino de Jesus de que “quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Marcos 10.43b-45). É o princípio da submissão ao superior e do serviço ao subordinado. Nesta cadeia de serviço que começa com o pastor e ganha força na atuação dos líderes na base, os perdidos são alcançados com a mensagem da reconciliação em Cristo e são integrados na comunhão e na missão da igreja.

Agora, faça a pausa

- Qual a relação que existe entre o sacerdócio universal dos crentes e a nossa visão de “cada crente um ministro”?
- Leiam o subitem 2.4 e compartilhem as vantagens destacadas sobre a praticidade na vivência do seu grupo pequeno.
- Como esta estrutura de liderança facilita a cada crente o exercício do seu ministério?

Encontro 4 - A DINÂMICA DO SERVIÇO NA COMUNIDADE CRISTÃ

Já vimos que o servo consagrado, íntegro e competente (Lição 1), integrado numa estrutura de liderança (Lição 3), é um facilitador dos ministérios dos membros da comunidade (Lição 2). A estrutura é indispensável para a eficácia do exercício da autoridade pastoral delegada em diversos níveis de liderança (figura da pirâmide invertida, Lição 3). No entanto, a estrutura sem a dinâmica seria como o motor de um carro (mecânica) sem o combustível (dinâmica).

A comunhão com o Deus trino e a comunhão de uns com os outros no corpo de Cristo é a dinâmica interna da célula. Os encontros feitos nas casas da igreja do Novo Testamento (Hebreus 10.24-25) eram oportunidades para o compartilhamento íntimo, a interação pessoal e a terapia comunitária (Tiago 5.16). Os grupos pequenos proporcionam o ambiente ideal para que essas necessidades sejam supridas e para que os membros sejam edificados pelo serviço mútuo (1 Pedro 4.10). Por outro lado, a dinâmica externa da célula acontece na evangelização, que alcança os perdidos, e no discipulado que integra os convertidos na comunhão do corpo de Cristo.

Os líderes/servos têm papel importante nessa dinâmica da comunhão e da evangelização como facilitadores dos ministérios dos crentes. No grupo pequeno não só os líderes são chamados, selecionados, treinados e mobilizados para a sua função, mas todos os crentes são treinados para que sejam ministros de acordo com os dons que lhes são concedidos pelo Espírito Santo. Daí a importância de entendermos a presença e ação do Espírito Santo na vida e na missão dos grupos pequenos como comunidades de base da igreja.

1. Vivendo na plenitude do Espírito Santo

A promessa do envio do Espírito Santo cumpriu-se no dia de Pentecostes (Lucas 24.49; Atos 1.4-5; Atos 2.1-4, 33). O Espírito veio sobre cada um e todos ficaram cheios do Espírito Santo. A partir de Pentecostes, todos os que creem em Jesus como Salvador, e se submetem a ele como Senhor, recebem o dom do Espírito (Atos 2.38-39). Por isso, são selados com o Espírito Santo da promessa (Efésios 1.13-14) e batizados no corpo de Cristo (1 Coríntios 12.13). A todos é dado beber do mesmo Espírito. Essa é a base da comunhão real e da unidade da igreja. Recebemos o Espírito Santo pela fé, não pelas obras (Gálatas 3.2).

No entanto, a Palavra exorta os crentes: *enchei-vos do Espírito* (Efésios 5.18). Essa exortação é necessária porque os crentes, em relação ao Espírito Santo, podem: **resisti-lo** (Atos 7.51), **entristecê-lo** (Efésios 4.30) ou até mesmo **apagá-lo** (1 Tessalonicenses 5.19). Mas, por outro lado, podemos também viver cheios do Espírito quando temos ATITUDES de **louvor** (Efésios 5.19), de **gratidão** (Efésios 5.20) e de **submissão aos irmãos** no temor de Cristo (Efésios 5.21). É importante ressaltar que o texto de Efésios 5.18-21 se refere ao culto comunitário e o versículo 18 pode ser assim traduzido: “*deixai-vos encher continuamente com o Espírito*”. A plenitude do Espírito é vivida na comunhão do corpo de Cristo: todos estão sujeitos à cabeça e uns aos outros.

Não há lugar para exaltação individual. O poder (*dínamis*) do Espírito Santo (Atos 1.8) é concedido aos que estão sob a autoridade (exousia) de Cristo (Mateus 28.18-19). O resultado dessa experiência é a produção do fruto do Espírito em nós: *amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio* (Gálatas 5.22-23). O fruto do Espírito é a evidência da genuína espiritualidade. Sem essa realidade espiritual, as melhores organizações estão fadadas ao fracasso.

2. Servindo no poder do Espírito Santo

Se o fruto do Espírito Santo é a expressão da verdadeira espiritualidade, são os dons do Espírito Santo que nos capacitam com poder para servirmos uns aos outros na comunhão do corpo de Cristo e para alcançarmos os perdidos com o evangelho. Cristo é a fonte destes dons (Efésios 4.7-8) que se manifestam mediante o Espírito Santo, visando sempre um fim proveitoso (1 Coríntios 12.7; 14.26). A distribuição desses dons é feita pelo Espírito como ele quer (1 Coríntios 12.11). Para que haja uma direção segura e sejam evitados os subjetivismos, o Senhor Jesus concede à sua igreja os ministros da Palavra (Efésios 4.11) para que todos os crentes sejam treinados para o exercício de ministérios de acordo com os seus dons (Efésios 4.12). Em 1 Coríntios 12.12-26 Paulo ensina os seguintes princípios em relação aos dons que capacitam os crentes: a) **UNIDADE**, um só corpo (12-13); b) **DIVERSIDADE**, dons diferentes (14-20); c) **MUTUALIDADE**, precisamos uns dos outros (21-26).

A IPI é fruto da Reforma do Século XVI que restaurou o princípio do sacerdócio universal dos crentes. Esse princípio está relacionado não só com o culto (1 Pedro 2.5), mas também com a missão da igreja (1 Pedro 2.9). Ao reconhecer a contemporaneidade dos dons espirituais (1993), a igreja abriu espaço para que os ministérios de todos os crentes sejam exercidos na dinâmica do Espírito e não na energia da carne. No entanto, como a tendência da compreensão tradicional de que ministério sagrado é o exercido pelos pastores ordenados, é preciso que todos se conscientizem de que cada crente é um ministro. O ministério pastoral é de fundamental importância (Efésios 4.11-12), mas não é o único ministério, pelo contrário, o foco do pastor deve ser treinar todos para o ministério. Pela delegação de autoridade numa estrutura de liderança, o ministério pastoral é multiplicado.

3. Liderança: autoridade delegada

A igreja é uma comunidade de ministérios. A Constituição da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil reflete fielmente o ensino bíblico quando afirma que, *todos os ministérios visam ao bem comum da igreja e à perfeita unidade do corpo de Cristo. Nenhum ministério é superior nem deve dispensar o outro.*

Na nossa vida eclesial, é importante discernir os que exercem ministérios ordenados, os que exercem ministérios não ordenados e os que servem ao Senhor de acordo com o chamado para a vida cristã: a) O ministério ordenado é exercido pelos pastores, presbíteros e diáconos que desenvolvem atividades de pregação, ensino, governo, disciplina, beneficência, administração e

celebração de sacramentos; b) Os ministérios não ordenados são exercidos por ministros de educação cristã, ministros de música e ministros que servem a igreja como missionários e evangelistas. Os ministros não ordenados são consagrados pelo Conselho e servem no âmbito da igreja local; c) Os ministérios de todos os crentes são exercidos sob a autoridade e supervisão dos oficiais da igreja (pastores e presbíteros). O objetivo final é que todos exerçam efetivamente ministérios em e através das comunidades de base. Isto torna possível a igreja funcionar como comunidade de ministérios.

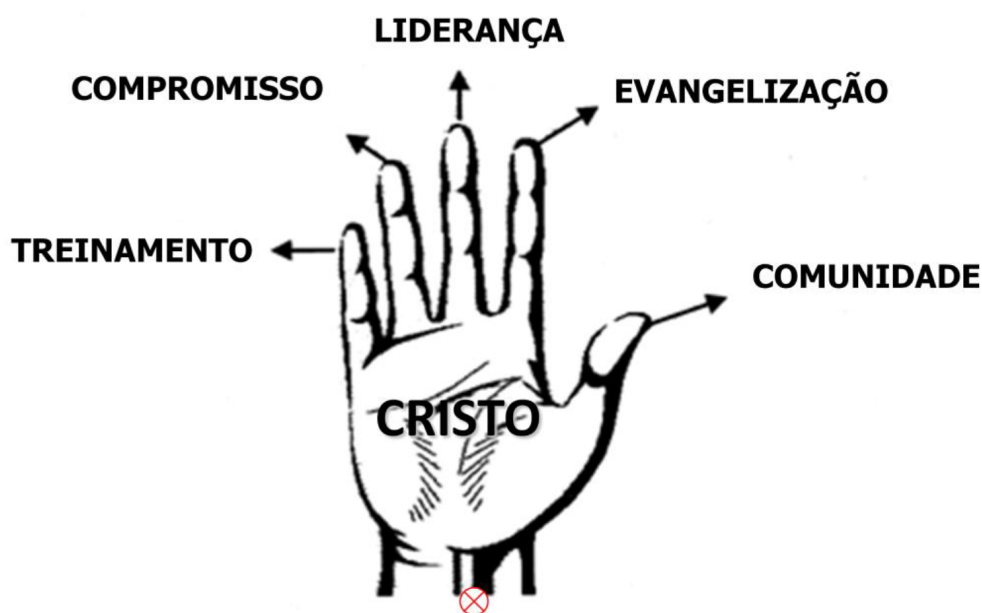
Na estrutura da liderança, os líderes de grupos pequenos, os supervisores, os superintendentes de áreas e os pastores de distrito exercem autoridade por delegação do pastor da igreja e dos presbíteros. De acordo com a Constituição da Igreja, *na norma presbiteriana de governo, a autoridade com que Cristo investiu a sua Igreja pertence ao todo: aos que governam e aos que são governados. A autoridade eclesial é inteiramente espiritual, sendo de ordem e de jurisdição.* Autoridade de ordem é a exercida pelos oficiais, individual e administrativamente, no ensino, na celebração de ofícios religiosos, na restauração do ser humano e na beneficência. Autoridade de Jurisdição é a exercida coletivamente por oficiais, em concílios, nas esferas administrativa, legislativa, disciplinar e litúrgica. Autoridade de jurisdição na igreja é exercida pelo Conselho constituído pelos pastores, designados pelo Presbitério, e pelos presbíteros, eleitos pela Assembleia e representantes imediatos do povo. Essa autoridade, portanto, não pode ser delegada. A autoridade delegada à liderança de grupos pequenos é a autoridade de ordem, com exceção daquelas funções que são privativos dos oficiais como, por exemplo, a ministração do Batismo e da Ceia do Senhor.

Numa igreja em comunidades de base (células), a liderança emerge das bases. Todos os que pertencem ao círculo de relacionamentos (oikos, família ampliada) de cada membro são candidatos à conversão e a se tornarem membros da célula (grupo pequeno) e da igreja; todos os membros exercem ministérios e são candidatos a serem líderes de células; todos os líderes podem tornar-se supervisores de células; todos os supervisores podem tornar-se superintendentes de áreas; os superintendentes podem tornar-se pastores de distrito. O treinamento é feito no trabalho e através de cursos que vão desde o discipulado nos grupos pequenos até os cursos que habilitam para os ministérios não ordenados. Para o exercício do ministério pastoral oficial é necessário o curso de bacharel em teologia, bem como o cumprimento de todos os requisitos exigidos pela denominação.

4. Os cinco sistemas da comunidade de base (célula)

Para organizar a vida e a missão dos crentes nos grupos pequenos, BECKMAN usa a figura da mão, com Cristo na palma, e os cinco dedos para ilustrar os cinco elementos básicos da célula, tomando como ilustração o recurso das cinco letras que os cientistas usam para construir o código genético: *comunidade*, *evangelização*, *treinamento de liderança*, *compromisso* (prestação de contas) e *discipulado*. Na estrutura comunitária e corporativa da igreja local, esses elementos dos grupos pequenos, como comunidades de base, estão conectados e interagem com os elementos da estrutura corporativa. Na vida da célula, como esses cinco sistemas se relacionam?

A **vida em comunidade** (célula) é representada pelo polegar: todos os dedos trabalham em conexão com ele. Todos os outros sistemas relacionam-se a partir da comunidade (comunhão) e retornam para a comunidade (comunhão). O **treinamento** é o dedo mínimo: representa os fracos na célula que devem ser cuidados e preparados para o ministério. A **prestação de contas** é o dedo anelar: o dedo anelar sugere a responsabilidade da aliança. De fato, cada grupo pequeno tem um sistema de apoio de uns aos outros. A **liderança** é o dedo maior: ele representa as pessoas mais maduras grupo pequeno, os líderes, os pais e mães espirituais. Estes devem ser treinados para o cuidado na base, isto é, no grupo pequeno. A **evangelização** é o indicador: o dedo que pega coisas e dá a direção. A evangelização é o que dá ao grupo pequeno o seu propósito de crescimento. Estes sistemas são também critérios que podem ser usados pelos supervisores para fazer o devido controle de qualidade das células.



Agora, faça uma pausa

- Refletir sobre a importância prática de discernir entre fruto do Espírito e dons do Espírito Santo.
- Como exercitar as atitudes de louvor, gratidão e submissão mútua, na vida comunitária, para viver permanentemente na plenitude do Espírito Santo de acordo com Efésios 5.18-21?
- O que os líderes podem fazer no exercício da autoridade delegada pelo pastor e presbíteros de acordo com Êxodo 18.21-26 e com a Constituição da IPI do Brasil?
- Reflita sobre o significado de cada sistema do grupo pequeno (mão).

Encontro 5 - A DINÂMICA DO ENCONTRO SEMANAL

Vimos no encontro 4 que a dinâmica da vida em comunidade básica (célula) consiste na presença de Cristo que gera a comunhão genuína e na capacitação que ele proporciona aos membros da igreja mediante os dons do Espírito Santo para a edificação mútua e para a evangelização. Essa dinâmica não dispensa, mas requer, uma estrutura de liderança que facilite o ministério de todos os crentes pelo princípio da delegação de autoridade. Por isso, o grupo pequeno é um organismo vivo que nasce, se desenvolve e se multiplica na interação viva dos sistemas de treinamento, evangelização, discipulado, prestação de contas, evangelização e comunhão. Todo este dinamismo exige muito mais que um encontro semanal, mas uma autêntica vida comunitária, experimentada no dia a dia no espírito amoroso e fraterno.

A reunião semanal, no entanto, é de vital importância. Aliás, o DNA de um grupo pequeno como célula viva do corpo de Cristo é a presença de Jesus onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome (Mateus 18.20). Calvino cita este texto quando afirma que a marca da igreja é a presença viva de Cristo em reuniões nas quais a Palavra é corretamente ensinada, os sacramentos ministrados e a disciplina exercida. Neste contexto, a célula não é apenas parte da igreja, mas a igreja mesma em sua expressão mais simples. Paulo nos deixa uma bela instrução quanto a essas reuniões: “*Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação*” (1 Coríntios 14.26). Ao escrever este texto, Paulo tinha em mente as reuniões das igrejas domésticas quando todos tinham oportunidade de participar. A prática do serviço mútuo, expresso na frase “*uns aos outros*”, recorrente no Novo Testamento, jamais poderia acontecer só nas reuniões em grandes templos.

1. A dinâmica da reunião

A reunião semanal do grupo pequeno, como célula viva do corpo de Cristo, deve ter as seguintes características.

- 1.1 **Informalidade com reverência.** Diferente do culto dominical que deve ser mais formal, litúrgico, o encontro nas casas, deve ser mais leve, informal, onde todos se sintam à vontade, mas, reverentes, porque o DNA deste grupo como célula do corpo de Cristo, como já vimos, é a presença do Deus trino. *Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração* (Atos 2:46). É oportunidade ímpar para conhecermos uns aos outros e construirmos relacionamentos significativos.
- 1.2 **Adoração e louvor.** O relacionamento horizontal, comunitário, alcança pleno significado quando todos se elevam a Deus em adoração e louvor. *E não se embriaguem com vinho, pois isso leva à devassidão, mas deixem-se encher do Espírito, falando entre vocês com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando com o coração ao*

Senhor, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo (Efésios 5:18-20). Neste clima, fortalecemos os nossos relacionamentos e a dinâmica se fortalece com a resolução de prováveis conflitos no grupo.

Agora, faça uma pausa

Leia os textos abaixo e assinale com “A” os que podem ser usados na adoração, com “L” os que podem ser usados no louvor e com “A” e “L” os que podem ser usados na adoração e no louvor.

- | | |
|---------------------------|---------------------------|
| () Salmos 95.1 | () Salmos 95.1 |
| () Salmos 98.4-6 | () Salmos 98.4-6 |
| () 1 Reis 18.39 | () 1 Reis 18.39 |
| () Lamentações 3.41 | () Lamentações 3.41 |
| () Apocalipse 11.1617 | () Apocalipse 11.1617 |
| () Salmos 24.7 | () Salmos 24.7 |
| () Salmos 24.8 | () Êxodo 15.20 |
| () 2 Samuel 6.14 | |

- 1.3 Edificação.** A adoração e o louvor nos inspiram na ministração mútua por meio da palavra, da oração e do exercício dos dons espirituais. *Sirvam uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como encarregados de administrar bem a multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus lhe dá, para que, em todas as coisas, Deus seja glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio para todo o sempre. Amém!* (1 Pedro 4:10-11,11). Assim, os nossos relacionamentos se aprofundam e vamos crescendo como verdadeira comunidade cristã. Quem dirige a edificação, preferencialmente o líder ou seu auxiliar, deve facilitar a participação de todos. Cada participante deve ser fator positivo de edificação.

Fator negativo de edificação

Você participa do grupo com a expectativa de que suas próprias dores, feridas e problemas sejam absorvidos pelo grupo. Você leva as suas necessidades ao grupo e não a Cristo. Você repete isto em cada encontro sem experimentar o poder libertador de Cristo

Fator neutro de edificação

Você vem ao grupo numa atitude de neutralidade espiritual, esperando que Deus ou alguém no grupo promova a edificação. Você não está se oferecendo a Cristo para que ele opere por meio de você para edificar o grupo.

Fator positivo de edificação

Você vem ao grupo com atitude de disponibilidade para que Deus use você para edificar o grupo ao mesmo tempo em que você é edificado. O seu propósito no grupo é fazer parte do processo de Cristo para edificação de todos, e não apenas para receber uma ministração pessoal.

1.4 Evangelização. O momento da evangelização no encontro da célula é fundamental. Não se trata de evangelizar na célula, mas de promover ações que envolvam todos os membros na evangelização como estilo de vida. Para isto, em cada reunião, é necessário investir de 15 a 20 minutos para:

- Compartilhar a visão de que cada membro é responsável para levar a Cristo as pessoas do seu círculo de relacionamentos (família ampliada);
- Incentivar a todos para que participem do treinamento para evangelização que a igreja oferece, sendo aconselhável que o discípulo seja acompanhado pelo seu discipulador nos eventos e cursos com este objetivo;
- Dar prosseguimento ao treinamento prático na e através da célula;
- Criar um ambiente saudável para receber os que estão sendo evangelizados pelos membros ou eventuais visitantes não convertidos para que sejam impactados como previsto em 1 Coríntios 14.23-25;
- Manter uma relação de nomes de pessoas da família ampliada dos membros que estão sendo evangelizadas e orar sistematicamente por elas;
- Incentivar evangelização nas redes de relacionamentos de cada membro;
- Programar confraternizações ou outros eventos com o objetivo de dar testemunho às pessoas dessas redes.

O objetivo é construir novos relacionamentos e ganhar outros para Cristo multiplicando a célula pela divisão.

Toda célula saudável tem nascimento, desenvolvimento e maturidade. Por isso, desde o início, todos precisam estar conscientes de que a célula vai se multiplicar. Todos devem estar preparados para que o momento de multiplicação não seja de tristeza pela separação de irmãos que aprendemos a amar no convívio, mas de festa, de celebração da colheita.

Sem evangelização não há multiplicação. Este assunto é tão importante que a próxima lição terá como tema “evangelização e discipulado”.

Toda esta dinâmica está representada no quadro abaixo.

ESTÁGIOS DA REUNIÃO	DINÂMICA ESPIRITUAL	DINÂMICA EMOCIONAL	DINÂMICA DA VIDA EM GRUPO
ENCONTRO “Vamos nos conhecer melhor”	Você para mim	Construindo relacionamentos	Conhecendo uns aos outros: contando sua história
EXALTAÇÃO “Vamos adorar a Deus”	Nós para Deus	Fortalecendo relacionamentos	Afirmção: resolvendo conflitos
EDIFICAÇÃO “Vivenciando a palavra”	Deus para nós	Trabalhando relacionamentos	Estabelecendo alvos: comunidade
EVANGELIZAÇÃO “Alcançando outros”	Deus por meio de nós	Construindo novos relacionamentos	Alcançando outros: multiplicação

2. A importância da oração

Já afirmamos que um grupo submisso a Deus investe tempo na adoração e oração comunitária e individual.

- O quarto de escuta. A disciplina espiritual é necessária. Isto exige seguir as instruções de Deus quanto ao tempo e ao modo como devemos nos exercitar em falar com ele e principalmente em ouvir a sua voz. O quarto de escuta deve ser não apenas um local apropriado, mas uma atitude de quietude diante de Deus para cultivar a intimidade com ele.
- Arma de guerra. A nossa luta não é contra os seres humanos, mas contra as hostes espirituais da maldade que atuam nas regiões celestes. Portanto, precisamos nos fortalecer no Senhor e na força do seu poder, revestidos da armadura de Deus, orando sempre no Espírito para sermos vencedores (Efésios 6.10-20).
- Oração e jejum. “Trata-se de uma oração tão interna que a alimentação normal é deixada de lado para se cuidar de um assunto urgente”. O líder precisa manter o equilíbrio entre a oração de cultivo da piedade individual, a oração tipo batalha e a oração de intercessão. A oração com jejum se encaixa em todos estes tipos de oração.
- Como orar. Além das considerações que já foram feitas, recomenda-se ao líder: estipular horário e tempo específico para orar, se possível num local adequado (quarto de escuta); anotar em lugar próprio os pedidos e respostas de oração; ter um plano de leitura bíblica e anotar o que ouviu de Deus na palavra; orar por todos os membros da célula com súplicas e ação de graças; orar por seus auxiliares e pelos futuros grupos que serão gerados a partir do seu grupo atual; orar pedindo novas conversões e pelo levantamento de novos líderes.
- A oração na célula. Incentivar a todos os membros e participantes da célula a terem sua própria agenda a exemplo do líder; elaborar uma

escala para que semanalmente alguém da célula esteja responsável pela agenda de oração da célula; fazer uma lista de bênçãos com os nomes da família ampliada de todos os membros e participantes da célula e orar em todos os encontros por esses nomes; incentivar todos para que orem em favor das pessoas que estão sendo evangelizadas; organizar caminhadas e encontros de oração e até vigílias.

Agora, faça uma pausa

Em sala, vivencie um encontro de célula com usando as instruções desta aula quanto à dinâmica do Encontro.

Encontro 6 – SERVINDO A IGREJA EM POTENCIAL

A Igreja em potencial é a soma das pessoas que fazem parte família ampliada de cada membro, mas que ainda não se relacionam pessoalmente com Jesus. Aprendemos com o Mestre que evangelização e discipulado acontecem nas redes naturais de relacionamentos (oikos, casa etc.). É a partir deste grande potencial para evangelização que expandimos a proclamação do evangelho até aos confins da terra.

Nem todos os crentes têm o dom de evangelista (Efésios 4.11), mas todos são testemunhas de Jesus no poder do Espírito Santo (Atos 1.8). Todos evangelizam quando cada um exerce os seus dons na comunhão do corpo de Cristo. Por isso, a evangelização não se restringe a eventos ocasionais, como campanhas de evangelização, mas acontece no dia a dia do crente, no seu convívio com as pessoas do seu círculo de relacionamento. Por outro lado, se cultivarmos intimidade com o Senhor e estivermos atentos à sua voz, podemos ter experiências surpreendentes alcançando pessoas desconhecidas.

1. *Evangelização bíblica e funcional*

A visão consistente da evangelização se forma através do ensino bíblico e de descobertas da nossa própria experiência pessoal. Por isso, convidamos você a refletir com base nas seguintes questões: O que realmente funcionou quando você foi evangelizado? Quem foi a pessoa de maior influência na sua decisão de seguir a Cristo (era amigo, professor, pai, outros)? O que essa pessoa fez para influenciar você? O que foi mais importante na sua experiência: eventos de evangelização ou relacionamento com pessoas cristãs? Os melhores evangelistas são cristãos comuns ou ministros profissionais? Qual a importância do amor ativo na evangelização? Leia os seguintes textos e deixe que eles lancem luz sobre a sua experiência pessoal: Atos 8.1,4; Atos 11.19-21; Atos 9.10-18.

Refleta, ainda: Quantas vezes você ouviu o evangelho antes de receber Jesus? Quanto tempo levou esse processo? Quantas pessoas estiveram envolvidas no processo da sua conversão a Jesus Cristo? O que você conclui? Você se converteu num processo ou num ato instantâneo? Ouviu o evangelho uma só vez transmitido por uma só pessoa ou ouviu muitas vezes, por diversas pessoas? Os seguintes textos bíblicos indicados. Eles lançam luz sobre a sua experiência pessoal? 1 Coríntios 3.5-9; João 4.35-38.

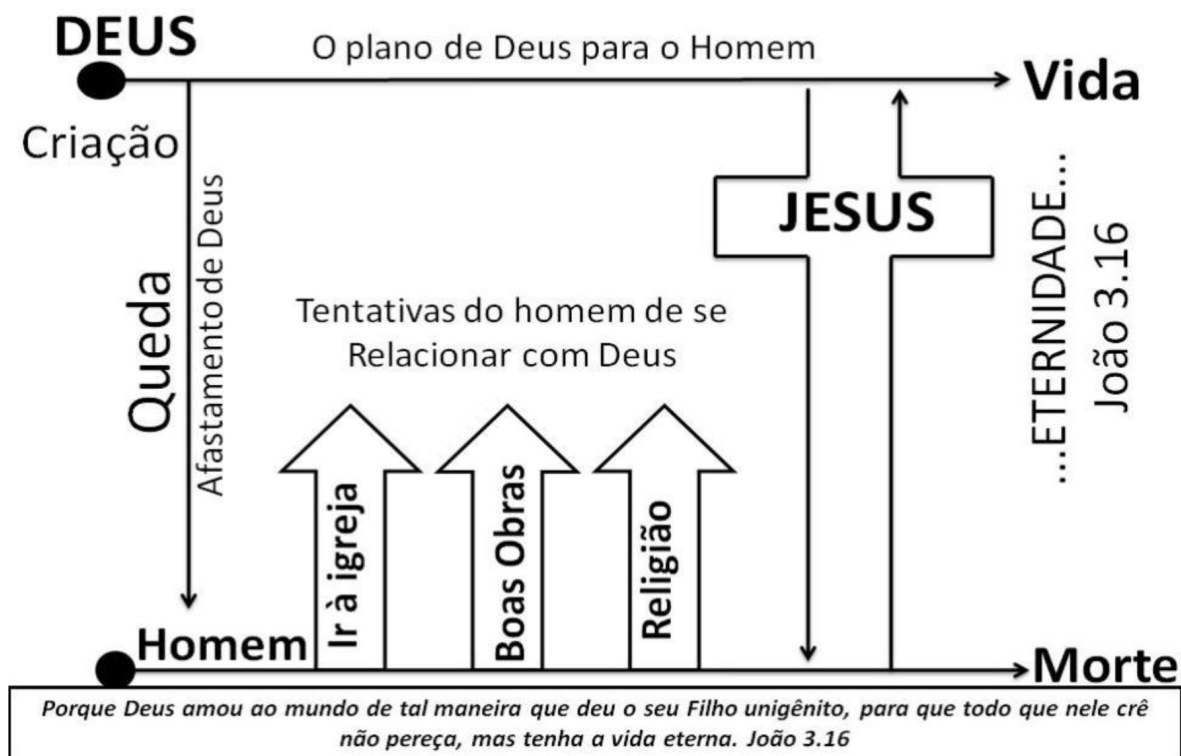
As reflexões feitas podem nos ajudar na remodelagem dos nossos paradigmas de evangelização. Ajudam-nos a reenfocar a evangelização, dando prioridade ao que já tem funcionado na experiência dos crentes e que tem fundamento bíblico.

- A maioria das pessoas é alcançada por amigos, sem perder de vista a obra missionária. Logo, nossa visão é incentivar os membros dos grupos pequenos para que focalizem o seu amor e as suas orações nas pessoas mais próximas deles (oikos);
- O falso conceito de que a maioria das pessoas é alcançada por pregadores profissionais tem reduzido a ação evangelística de muitos crentes ao convite para que pessoas “venham à igreja” ouvir as pregações no templo. No entanto, a maioria das pessoas é alcançada

por cristãos comuns. Logo, a nossa visão é treinar todos os membros dos grupos pequenos para compartilhar o evangelho com palavras e com ações;

- A conversão não é, sempre, normalmente instantânea. Ao contrário, ela é geralmente um processo. Por isso, devemos oferecer às pessoas muitas oportunidades para que ouçam o evangelho. Os membros das células devem ser incentivados a dar testemunho constante às pessoas dos seus relacionamentos e devem ser realizados eventos nos quais essas pessoas possam participar num clima de amizade sem apelos e sem constrangimento.
- A evangelização não significa apenas expor o plano da salvação com palavras corretas. A realidade é que as pessoas são ganhas para Jesus não apenas com palavras, mas pelo amor que se manifesta em ações práticas de serviço. Logo, a nossa visão é incentivar os membros a expressarem o amor de Cristo com ações e palavras, sempre atentos às necessidades das pessoas.
- Dificilmente as pessoas são levadas a Jesus pela influência de um só cristão. Pelo contrário, a Bíblia e a experiência demonstram que quanto mais cristãos genuínos o incrédulo conhecer, mais facilmente ele virá a Jesus. Portanto, a nossa visão é apresentar o incrédulo a quantos cristãos for possível. Na evangelização via células pescamos com redes e não com anzóis.

2. Conteúdo simplificado: gráfico João 3.15



Há muitas formas de comunicar por meio de palavras o plano de Deus para salvar o pecador. Dentre elas, o gráfico de João 3.16 se destaca pela sua clareza e objetividade. Devemos todos ser treinados para usar esse gráfico

tanto num tempo curto, de 5 a 10 minutos, quanto num tempo maior. Como usar este gráfico?

Deus, depois de criar todas as coisas, criou o homem à sua imagem e semelhança, homem e mulher os criou (Gênesis 1.26-27). O propósito de Deus era ter comunhão com o homem (ser humano) numa vida plena e eterna. Mas, devido à sua rebelião, o homem separou-se de Deus e foi destituído da sua glória (Romanos 3.23). A queda, ou pecado, nos separa de Deus.

Durante toda a história da humanidade, o homem tentou e tenta aproximar-se de Deus de diversas formas: ir à igreja, fazer boas obras, sacrifícios, religião etc. Este esforço é inútil. Confiando nas suas obras o homem mais se afasta de Deus e caminha para a morte eterna. Não é o homem que alcança Deus com os seus esforços, mas é Deus quem alcança o homem mediante o seu Filho. Jesus assumiu o nosso lugar na cruz e destruiu o pecado que nos separava de Deus (João 3.16). Ao crer nele os nossos pecados são perdoados, somos reconciliados com o Pai e recebemos o dom da vida eterna (João 14.6; João 5.24). Pela fé em Cristo tornamo-nos filhos de Deus (João 1.12) e herdeiros do Reino de Deus (Romanos 8.15-17).

3. Preparo

Para uma evangelização eficaz, o grupo pequeno (célula) deve preparar-se em oração e desenvolver a comunhão entre seus membros. A intimidade com o Senhor desenvolve a sensibilidade para ouvir a sua voz e receber a orientação necessária como aconteceu com Ananias (Atos 9.10-18) e Pedro (Atos 10.9-46). Paulo pedia orações para que Deus lhe desse a mensagem e ousadia para fazer conhecido o mistério do evangelho (Efésios 6.19). A célula deve, portanto, interceder em suas reuniões pelas pessoas que estão sendo evangelizadas. Para isto ajuda muito elaborar uma relação das pessoas do círculo de relacionamento de cada membro para que sejam apresentados a Deus. A intimidade com o Senhor nos faz ver as pessoas como Jesus as vê e a ter compaixão por elas (Mateus 9.36).

Outro aspecto importante do preparo é a edificação da célula que deve ter como resultado a comunhão real entre os seus membros. O grupo deve estar preparado como um lar para receber os que nascem de novo na família de Deus. Como já vimos, os dons espirituais são dados para a edificação da igreja a fim de que ela esteja apta para a sua missão. Paulo ilustra como todos os que se reúnem num grupo pequeno podem participar da evangelização. *Mas, se entrar algum descrente ou não instruído quando todos estiverem profetizando, ele por todos será convencido de que é pecador e por todos será julgado, e os segredos do seu coração serão expostos. Assim, ele se prostrará, rosto em terra, e adorará a Deus, exclamando: "Deus realmente está entre vocês!"* 1 Coríntios 14:24,25

4. Discipulado

Discipulado é o ponto central da Grande Comissão. Depois de declarar que a ele foi dada toda a autoridade nos céus e na terra, Jesus ordenou: *Façam discípulos* (Mateus 28.18-19).

- ✓ Cumprimos a ordem da Grande Comissão como comunidade de discípulos de Jesus quando agimos sob a autoridade de Cristo (Mateus 28.18), testemunhando no poder do Espírito Santo e motivados pelo amor do Pai (João 3.16). A autoridade de Cristo se manifesta não só na proclamação do evangelho, mas, também, na “realização de sinais e maravilhas pelo poder do Espírito de Deus” (Romanos 15.18-19). Essa autoridade foi concedida não só aos doze apóstolos (Mateus 10.1), mas aos setenta (Lucas 10.8-9), ao diácono Filipe (Atos 8.5-8) e a todos que creem em Jesus (Marcos 16.17-18). Por isso, o que Jesus começou a fazer, segundo o relato dos evangelhos, teve continuidade no livro de Atos. A cura realizada em nome de Jesus por Pedro e João despertou as pessoas para ouvirem o evangelho e o número de convertidos chegou a quase cinco mil pessoas (Atos 3.1 a 4.4). A cura de Eneias levou todos os habitantes de Lida e Saroná à conversão (Atos 9.32-35); a ressurreição de Dorcas se tornou um acontecimento notório a toda Jope, e muitos creram no Senhor (Atos 9.36-42). O discipulado eficaz consiste na pregação do evangelho na expectativa da manifestação do poder de Deus na realização de sinais, prodígios e maravilhas.
- ✓ O discipulado cristão vai muito além do preparo de pessoas para o batismo. Para cumprir a ordem de Jesus, ele nos dá três estratégias: Façam discípulos *indo*, *batizando* e *ensinando* (Mateus 28.19). a) A primeira estratégia, *indo*, ou enquanto ides, não se refere apenas a projetos missionários, mas à presença diária dos crentes nas redes naturais de relacionamento (família, trabalho, escola etc); b) A segunda estratégia, *batizando*, consiste não apenas numa cerimônia, mas em todo o processo de integração dos convertidos na comunhão do corpo de Cristo para que sejam nutridos, cuidados e edificados; c) A terceira estratégia, *ensinando a praticar o que Cristo mandou*, significa levar o crente integrado na comunhão do corpo à maturidade para que se torne discipulador. Na instrução de Paulo a Timóteo, notamos quatro gerações de discipuladores. *E o que você (1) ouviu de mim (2) na presença de muitas testemunhas, isso mesmo transmita a homens fiéis (3), idôneos para instruir a outros (4)* (2 Timóteo 2:2)
- ✓ Jesus concentrou quase metade do seu tempo no discipulado dos doze. Ele poderia ter dedicado o seu tempo e o seu esforço para salvar multidões, mas não poderia ter convivido com as pessoas como conviveu com os apóstolos. O segredo do seu êxito é claro: investir o tempo discipulando intensamente uns poucos, no ambiente da comunidade, para que esses poucos multipliquem a sua mensagem, vez após vez, por toda a superfície da terra. Verdadeiros discípulos multiplicam discípulos saudáveis. Por isso, a igreja prosperou e continua a dar fruto hoje. Essa é a razão por que o coração e a mente de um líder de célula são tão importantes.

5. A multiplicação do grupo pequeno (célula)

Como já vimos, líderes devem ser discípulos que façam discípulos saudáveis que se multipliquem continuamente. A multiplicação de discípulos e de líderes resulta na multiplicação das células.

5.1. Fatores-chave para multiplicação de grupos pequenos:

Joel Comiskey fez pesquisa nas oito maiores igrejas em células do mundo e resumiu os fatores-chave que são essenciais para a multiplicação da célula:

- ✓ Os líderes que investem 90 minutos ou mais em devocionais diárias multiplicam os seus grupos duas vezes mais do que aqueles que investem menos que 30 minutos por dia;
- ✓ Os líderes que oram diariamente pelos membros da célula têm maiores probabilidades de multiplicar seus grupos;
- ✓ Investir tempo com Deus, preparar o coração para um encontro da célula é mais importante do que preparar o estudo;
- ✓ Fixar alvos para a multiplicação da célula aumenta de 50% para 75% a probabilidade de multiplicar a célula;
- ✓ Líderes com melhor treinamento multiplicam a célula com mais rapidez, mas esse preparo não é mais importante do que a vida de oração e a fixação de alvos;
- ✓ Líderes que visitam oito pessoas novas ou mais a cada mês multiplicam os seus grupos duas vezes mais do que aqueles que visitam uma ou duas;
- ✓ Líderes que encorajam semanalmente os membros para convidar visitantes duplicam sua capacidade de multiplicar os seus grupos – em contraposição àqueles líderes que o fazem apenas ocasionalmente ou nunca;
- ✓ Há uma relação direta entre o número de visitantes no grupo e o número de vezes que o líder multiplica o grupo;
- ✓ As células que promovem encontros sociais com regularidade se multiplicam mais do que as que promovem de vez em quando ou não promovem;
- ✓ Os líderes que promovem o preparo de auxiliares e funcionam como equipe dobram a sua capacidade de multiplicar a célula;
- ✓ Visitação regular pelo líder aos membros da célula ajuda a consolidar o grupo

5.2 O preço da multiplicação

Discipulado significa sacrifício, mas esse sacrifício, no fim, produz fruto que traz alegria (Gálatas 6.8-9). O custo do qual Jesus e Paulo falam é a abnegação, a renúncia de si mesmo, a experiência da cruz. A cruz é o coração de um estilo de vida de sacrifício de quem segue Jesus. Sem esse estilo de vida não existe discipulado real (Lucas 14.33). O Novo Testamento ensina que devemos negar-nos a nós mesmos, morrer para os nossos desejos, considerar tudo como perda e assumir a natureza de um servo. Mas quando morremos para a vida egocêntrica, ressurgimos para a vida plena e abundante em Cristo. Para a multiplicação de grupos pequenos algumas diretrizes são apontadas:

- ✓ *Estabeleça uma data para a multiplicação.* O supervisor e o líder de célula devem sonhar juntos sobre uma data concreta para multiplicar a célula. Estabelecer uma data de multiplicação ajuda a guiar os vários elementos da célula a um único propósito. Quando uma célula não multiplica após a fase de comunidade, ela terá um novo ciclo de conflitos, o que promoverá sua morte.
- ✓ *O processo de multiplicação.* O líder de célula conta com a ajuda do supervisor para dar à luz a uma nova célula. É importante ter um encontro com o supervisor para tratar detalhes sobre a multiplicação do

grupo. Assim que o supervisor e o líder sentirem que o auxiliar está preparado, eles devem avaliar as opções de multiplicação:

- Multiplicação Mãe-Filha: metade do grupo sai sob a liderança do auxiliar, ou o atual líder assume a célula-filha, deixando a célula original com o auxiliar.
 - Equipe de Implantação: duas pessoas saem para implantar uma nova célula.
 - Implantação Modificada: o líder de célula atual sai com um ou dois outros.
 - Implantação Solo: o auxiliar sai para encontrar um assistente para começar uma célula.
 - Modelo Núcleo: o novo grupo em potencial se encontra em outra sala da casa enquanto se prepara para deixar a célula-mãe.
- ✓ *Erros comuns na multiplicação:* multiplicar antes de o auxiliar estar preparado; separar relacionamentos muito próximos; baixa impulsão no crescimento de células novas.

✓ *Todos devem participar da estratégia*

O líder de célula deve: delegar as várias partes dos encontros semanais a outros; estabelecer no grupo relacionamentos de discipulador-discípulo (ou duplas para prestação de contas) e supervisioná-los; encontrar-se com os auxiliares periodicamente e juntos decidirem quais os próximos passos para o grupo. Quando os membros se envolvem, a célula se torna um ambiente empolgante para ministrar e crescer. Isso também evita que o líder se sinta como Atlas, com o peso do mundo nos seus ombros.

✓ *Passe o bastão*

No final de sua vida, Paulo exortou seu próprio discípulo Timóteo: “*E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros*” (2 Timóteo 2.2 - NVI). Observe a palavra “fiéis”. O trabalho de passar o bastão a sucessivas gerações de líderes não pode parar devido a um elo da corrente. O desenvolvimento de líderes precisa continuar.

Encontro 7 - GERAÇÕES CONECTADAS NO SERVIÇO DO REINO

Crianças, adolescentes, jovens e adultos têm o seu espaço na igreja como família de Deus. Crianças e adolescentes não são a igreja do futuro, como muitos afirmam, mas a igreja do presente. No propósito do Criador, o ser humano deve ser um espelho que reflita a glória do Deus trino nos seus relacionamentos, a partir da família. O Deus único subsiste em três pessoas iguais em poder e glória, numa verdadeira comunidade, onde não há hierarquia, não há diferença de posição, mas de funções. Assim deve ser a família natural. Assim deve ser também a igreja como família de Deus. Na igreja a família deve ser valorizada porque é o espaço onde crianças e adolescentes são formados. Por isso, quando evangelizamos crianças e adolescentes, o alvo é também alcançar os pais para que essas faixas etárias tenham ambientes saudáveis para o seu desenvolvimento. Quando crianças e adolescentes têm pais cristãos, o papel mais importante da igreja é apoiar os pais para que cumpram o dever de dar aos filhos uma sólida educação cristã. Tendo isto em mente, que princípios devem reger a igreja em relação às crianças e adolescentes a partir da família e da comunidade de base da igreja (célula)?

1. Visão da igreja

Cabe aos líderes da igreja, principalmente aos líderes de células, conhecer bem a visão da igreja em relação ao trabalho com crianças e adolescentes para que haja integração e harmonia na condução de atividades que visam o desenvolvimento dessas preciosas joias na comunidade dos discípulos de Jesus. A visão proposta é a seguinte: *Os pais são os responsáveis pela educação cristã de seus filhos, tendo a cooperação da igreja nas celebrações, na célula e nos lares.* O trabalho é conjunto e se apoia nestes três pilares: celebração (culto), célula e lar, mas o foco está no lar, na casa, na família.

O foco no lar tem sólida base bíblica. As Escrituras Sagradas deixam claro que o propósito de Deus é de salvar não apenas indivíduos, mas famílias. Por isto, quando o pecado rompeu a unidade familiar (Gênesis 4.8-12), o Senhor recomeçou com a nova descendência de Sete (Gênesis 4.25-26), gerado à semelhança de Deus (Gênesis 5.1-3). Nesta geração se começou a *invocar o nome do Senhor* (Gênesis 4.26b). De uma família da geração de Sete, Deus salvou a humanidade da condenação do dilúvio (Gênesis 6.5-8) ao dar esta ordem a Noé, homem piedoso: *Entra na arca, tu e toda a tua casa...* (Gênesis 7.1). O propósito da chamada de Abrão era claro: *Em ti serão benditas todas as famílias da terra* (Gênesis 12.3b). As promessas da aliança feita com Abraão incluíam os seus descendentes e a circuncisão era o sinal desta aliança (Gênesis 17.9-12). Essas promessas não foram anuladas na nova aliança, pelo contrário, foram reafirmadas (Atos 2.38-39). Com base nelas, famílias inteiras eram batizadas (Atos 16.14-15; 30-33). Mesmo a família de Jesus, que enfrentou dificuldades quanto à fé (Marcos 3.21; João 7.5), foi vencida pela evidência da ressurreição e integrou-se na família de Deus ao receber o Espírito Santo no dia de Pentecostes (Atos 1.12-14; 2.1-4).

Por isto, quando a igreja evangeliza crianças e adolescentes, deve se empenhar para que as suas famílias sejam alcançadas para que elas tenham ambiente saudáveis para o seu desenvolvimento.

2. Responsabilidade paterna

Aos pais cristãos, a igreja deve ministrar sobre a responsabilidade paterna na educação dos filhos. No contexto da antiga aliança, a responsabilidade paterna é bem definida: *Porque eu o escolhi (Abraão) para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Senhor e pratiquem a justiça e o juízo; para que o Senhor faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito* (Gênesis 18.19). Moisés também instruiu os pais antes de entrarem na terra prometida: *Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te* (Deuteronômio 6.6-7). Ao renovar a aliança com o povo, Moisés disse: *As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei* (Deuteronômio 29.29). Por essa razão o salmista orava: *Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs; até que eu tenha declarado à presente geração a tua força e às vindouras o teu poder* (Salmo 71.18).

Se não passamos a nossa fé aos nossos filhos, estamos sonhando o que é deles por direito soberano. A nossa atitude deve ser a mesma do salmista: *O que ouvimos e aprendemos, o que nossos pais nos contaram. Não os esconderemos dos nossos filhos; contaremos à próxima geração os louváveis feitos do Senhor, o seu poder e as maravilhas que fez* (Salmo 78.3-4 – NVI).

Jesus acolheu as crianças e afirmou que delas é o Reino de Deus (Mateus 19.13-14). Por isso os apóstolos não excluíram as crianças quando famílias inteiras foram recebidas à comunhão da igreja pelo batismo (Atos 2.38-39; 16.14-15; 29-34).

3. Célula de gerações integradas

O foco no lar, priorizando a família, leva à visão da célula de gerações integradas. “Família” significa muito mais do que pai, mãe e filhos vivendo sob o mesmo teto, mas, também, envolve relacionamentos. Da mesma forma, “células de gerações integradas” significam muito mais do que adultos, crianças e adolescentes juntos em uma reunião: envolve relacionamento e integração entre as gerações.

Na família se vivem relacionamentos na prática, um interagindo com o outro, independente de idade. Na célula, como família espiritual, as crianças e adolescentes devem participar ativamente com os seus pais. Elas são parte da igreja e merecem toda atenção e cuidado. Elas ministram aos adultos e devem ser ministradas tanto pela palavra como pelo exemplo, ajudando-as na formação de valores cristãos.

Desta forma, na célula de gerações integradas crianças e adolescentes aprendem a viver o que é essencial na vida cristã: a comunhão ativa pela inclusão na comunidade; o discipulado tanto pelo ensino quanto pelo modelo; a prestação de contas como membro da família; o treinamento natural para futura liderança e a evangelização a partir da sua família ampliada (*oikos*).

Células de gerações integradas é o ideal, a norma, o paradigma. No entanto, por razões estratégicas, muitas vezes podem e devem ser formadas células de adolescentes e, excepcionalmente, células de crianças.

Agora, faça uma pausa

Pare e Pense:

Podemos confundir crianças e adolescentes quando ensinamos uma coisa e vivemos outra. Muitas vezes ensinamos que elas devem perdoar, mas temos mágoas guardadas em nossos corações; ensinamos que elas devem ser generosas, mas temos dificuldade em, liberalmente, ofertar e dizimar; ensinamos que elas devem falar sempre a verdade, mas cedemos a pequenas mentiras no nosso dia a dia para não “perdermos um negócio” ou para nos justificarmos frente a algum embaraço. Nossas vidas estão refletindo Cristo às nossas crianças e adolescentes?

Agora responda:

Crianças e adolescentes são capazes de evangelizar e discipular? Compartilhe algum testemunho de crianças e adolescentes evangelizando seu *oikos*.

4. A participação da criança no encontro de célula

Tendo em vista que, quase sempre, é recomendável, por razões estratégicas, a formação de células de adolescentes, vamos focar nossa atenção nas crianças. Já vimos que na célula de gerações integradas as crianças aprendem a viver o que é essencial na vida cristã. Mas, como integrar as crianças nos encontros de célula? Certa vez, em uma conferência sobre família, Daphne Kirk, autora do livro *Reconectando Gerações*, do Ministério Igreja em Célula, foi questionada sobre como pensar a presença da criança na célula. Sua resposta foi simples e objetiva: “como com os adultos”. É isso mesmo. A criança deve ser envolvida na dinâmica da vida da célula da mesma forma que os adultos são. A criança em célula participa de todos os momentos do encontro, sendo integrada no momento inicial, quando é realizada uma dinâmica de quebra-gelo, no momento de louvor e adoração, no momento da evangelização, na edificação da Palavra, nos momentos de oração etc.

Vamos pensar em alguns aspectos importantes no encontro de célula, tendo em vista a presença das crianças:

- 4.1. Encontro (quebra-gelo):** Ao planejar este momento, tenha em mente as crianças da sua célula e verifique se a atividade proposta é acessível à sua participação. Jamais negligencie a participação das crianças neste momento.

- 4.2. Exaltação:** Da mesma forma que no momento “Encontro”, o momento do louvor e adoração deve ser planejado tendo em vista a presença e a participação das crianças, desde os bebês até as crianças maiores.

Agora, faça uma pausa

Para reflexão

A capacidade de captar verdades espirituais é uma das muitas qualidades da criança claramente expostas na Bíblia. O próprio Senhor Jesus a apontou: *Quando os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei viram as coisas maravilhosas que Jesus fazia e as crianças gritando no templo: ‘Hosana ao Filho de Davi’, ficaram indignados, e lhe perguntaram: Não estás ouvindo o que estas crianças estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim, vocês nunca leram: Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos suscitaste louvor?’ (Mateus 21.15-16 - NVI).*

(...) As crianças recém-nascidas do Salmo 8 são, literalmente, os que “mamam” e “chupam”. De todos os seres, são os que mais dependem do cuidado dos outros para o sustento e a sobrevivência. Davi entendia bem tal dependência e a paz de quem depende de Deus com toda a humildade: *Senhor, o meu coração não é orgulhoso e os meus olhos não são arrogantes. Não me envolvo com coisas grandiosas nem maravilhosas demais para mim. De fato, acalmei e tranquilizei a minha alma. Sou como uma criança recém-amamentada por sua mãe; a minha alma é como essa criança (Salmo 131.1-2 - NVI).*¹

Agora, reflita:

De acordo com o texto lido, quem é referência de louvor? O que isso revela a você, enquanto líder?

- 4.3. Evangelização:** Desafie a criança a orar e a dar testemunho de Jesus aos seus amigos e você verá com que fervor e compromisso ela o fará. Ao recolher os nomes da família ampliada (oikos) de cada membro da célula, não se esqueça de incluir o das crianças também. Ao contar os testemunhos de evangelização dos membros da célula, incentive as crianças a compartilharem também. Ao conduzir a célula em oração pelos amigos que estão evangelizando, permita que as crianças também levantem suas vozes em oração.

- 4.4. Edificação:** O momento da edificação é o único em que as crianças não participam juntamente com os adultos. Entretanto, não é momento de separação, mas de vida, porque adultos e crianças interagem de acordo com o seu grau de necessidade e de compreensão. No momento da edificação são tratados assuntos específicos relativos às diferentes realidades e dificuldades da vida, por meio de linguagens, expressões e atividades apropriadas à criança. É o momento de aprofundar e aplicar

¹ Uma criança os guiará. Por uma teologia da criança. P. 139,140

o que aprenderam na celebração de domingo. Para este momento, o facilitador das crianças deve usar material preparado de acordo com o princípio do “Trabalho em Conjunto”.

5. Trabalho em conjunto

5.1. Responsabilidade paterna, apoio da igreja e da célula

Levando em conta este princípio na educação cristã dos filhos, como deve ser a integração quanto à responsabilidade da igreja, da célula e do lar? Os pais são responsáveis pela educação cristã dos seus filhos; a igreja é responsável pela orientação e suporte aos pais para que cumpram essa missão; a célula também é responsável pela orientação e suporte aos pais e aos demais membros da célula. Para que isto aconteça, a igreja deve:

- ✓ Oferecer cursos de capacitação de facilitadores através do Núcleo de Educação Cristã em parceria com a Área de Apoio Infantil;
- ✓ Oferecer material de apoio aos pais para realização de culto familiar e orientá-los quanto ao uso deste material no lar.
- ✓ Adotar um currículo preparado de acordo com o princípio do “Trabalho em Conjunto” e que se assenta sobre os três pilares: celebração, célula

5.2 Celebração deve funcionar nos três pilares?

- ✓ **Celebração.** No momento apropriado, as crianças se dirigem à área de apoio Infantil e são reunidas por idade para a ministração da Palavra. O tema da aula é o mesmo para todas as faixas etárias. Esta ministração é feita por meio da facilitação do conhecimento bíblico à vida da criança. Os facilitadores não são “especialistas” no trabalho infantil, mas pastores, pais e demais membros envolvidos neste trabalho. A palavra deve ser ministrada às crianças com a mesma seriedade com que é ministrada aos adultos.
- ✓ **Célula.** Na célula, as crianças participam com os adultos durante o Encontro (quebra-gelo), a Exaltação (adoração e louvor) e a Evangelização. Depois, para a Edificação, separam-se e são lideradas por um dos pais ou membros da célula que ministram no sistema de rodízio aplicando o princípio bíblico que foi aprendido na celebração (culto) às vidas das crianças.
- ✓ **Lar.** No lar, deve acontecer um encontro dinâmico entre pais e filhos, uma vez por semana, criando oportunidades, como família, para expressões espontâneas, confissões, acertos, perdão, questionamentos, aconselhamento e expressões de amor. É quando o princípio aprendido na celebração e na célula é aplicado no dia a dia da criança.

Considerações finais

Em relação ao lugar das crianças na igreja em células, como nos demais assuntos, devemos seguir as instruções e exemplo de Jesus, nosso Senhor e Mestre. Em Marcos 10.13-16, vemos que Jesus considerou as crianças valiosas e importantes, enquanto os discípulos as consideravam inconvenientes e sem importância. A atitude dos discípulos causou indignação em Jesus e foi oportunidade para deixar uma lição importante para nós, discípulos dele:

“Deixem que as crianças venham a mim e não proíbam que elas façam isso, pois o Reino de Deus é das pessoas que são como essas crianças. Eu afirmo a vocês que isto é verdade: quem não receber o Reino de Deus como uma criança nunca entrará nele. Então Jesus abraçou as crianças e as abençoou, pondo as mãos sobre elas.” (Marcos 10.14-16 – NTLH).

Portanto, seguindo nas pisadas de Jesus acolhemos, valorizamos, abençoamos e pastoreamos as nossas crianças.

Encontro 8 – MULTIPLICAÇÃO DE LÍDERES/ SERVOS DE CRISTO

Não podemos apenas semear, jogando a semente ao solo e esperando que nasça uma planta bela e formosa. Temos que fazer a nossa parte regando a planta, cuidando dos primeiros brotos, do adubo, do combate às pragas, para que, então, cresça uma planta forte e frutífera. Este é o trabalho do líder que serve ao Senhor em qualquer função no corpo de Cristo, principalmente à frente de um grupo pequeno ou célula. Cabe a ele cuidar para que a comunhão seja saudável, para que os membros estejam envolvidos na evangelização, para que todos os que chegam sejam disciplinados, para que haja prestação de contas e, acima de tudo, para que o seu auxiliar seja devidamente preparado para assumir a liderança da nova célula quando houver multiplicação.

1. Como preparar o auxiliar para assumir a liderança de uma célula?

Desde o início de uma célula, ou qualquer ministério, o líder já deve pensar em treinar um auxiliar de líder. Em se tratando de célula ele precisa, nos dois primeiros meses, convidar um dos membros, sob orientação do seu supervisor, para que seja o seu auxiliar a fim de que seja treinado na prática e, no tempo próprio, enviado para fazer o curso oferecido pela igreja ministrado pelo pastor e sua equipe. Quanto ao treinamento prático na célula damos, a seguir, as seguintes orientações:

- Deixe o seu auxiliar observar tudo o que você faz e verbalize tudo o que fizer como líder explicando-lhe por que razão o fez.
- Observe enquanto o seu auxiliar faz aquilo que ele viu você fazendo
- Encoraje-o e mostre os pontos fortes e fracos que observou na atuação dele.
- Ajude-o a superar as eventuais áreas de fraqueza.
- Preparem juntos a reunião explicando o porquê de cada atividade
- Depois da reunião troquem ideias sobre o que aprenderam e como poderão melhorar as próximas reuniões
- Troquem ideias sobre problemas que tiverem surgido, como, por exemplo, alguém que travou o encontro por falar demais. Quando for ministrar, seja aonde for, leve junto o auxiliar.
- Durante o último mês antes da multiplicação, deixe o auxiliar dirigir todo o encontro da célula. Dessa maneira, quando assumir a nova célula, os que ficarem sob a liderança dele, sentirão plena confiança em seu novo líder.
- Tenha sempre o seu auxiliar com você quando: visitar um membro da célula para que ele veja como você procede e age; for aconselhar alguém, se for oportuno, para que ele entenda o porquê de cada coisa que você fez; levar alguém a Cristo na evangelização pessoal; participar de uma vigília de oração na qual todos realmente oram.
- Após a multiplicação, procure ajudá-lo em tudo o que for possível tratando-o de igual para igual.

Observe o calendário da igreja e programe a participação do seu auxiliar no curso de Treinamento dos líderes servos de Cristo. A inscrição deve ser feita com antecedência e com o conhecimento e aprovação do seu supervisor e superintendente de área. Se possível, faça o curso com ele. Se não for

possível, acompanhe-o, incentivando-o e ajudando-o a cumprir as tarefas do curso.

Agora, faça uma pausa

Leia 2 Timóteo 2.2 e reflita:

- Sou fiel ao tesouro que me foi passado pelos meus líderes, discipuladores e cuidadores?
- Tenho consciência de que o meu auxiliar é fiel e idôneo para passar estas riquezas a outros?

2. Cuidando e sendo cuidado

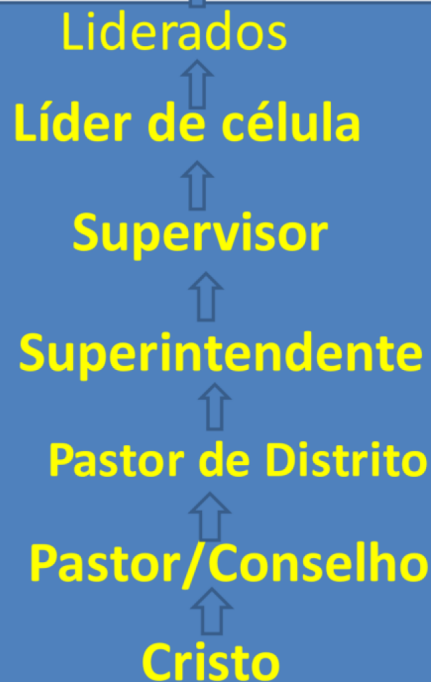
A descentralização do poder pela delegação de autoridade, feita pelo Pastor e o Conselho, dá aos líderes efetiva condição para realizar o seu trabalho. Mas essa descentralização deve acontecer numa estrutura de liderança que ofereça à cada um a oportunidade de servir e de ser servido. O líder da célula, por exemplo, exerce o cuidado pastoral com os membros do grupo e, ao mesmo tempo, ele é cuidado pelo supervisor. Da mesma forma o supervisor cuida do líder e é cuidado pelo pastor ou superintendente da Área. Este é cuidado pelo pastor de distrito que é cuidado pelo pastor geral. Desta forma, o grupo pequeno é estratégia eficiente para ganhar vidas e para cuidar de vidas. A multiplicação de discípulos leva naturalmente à multiplicação de discipuladores e de líderes e, conseqüentemente, à multiplicação de células. A liderança exercida de forma intencional nesta rede de cuidado pastoral contribui para que cada célula seja saudável e se multiplique num corpo saudável. Portanto, a saúde espiritual e emocional de cada célula, e dos membros que a compõem, é a prioridade desta rede de cuidados.

A palavra-chave em todo este processo é o SERVIÇO mútuo prestado pelos discípulos que seguem nas pisadas do Senhor e Mestre. *Mas Jesus, chamando todos para junto de si, disse: — Vocês sabem que os que são considerados governadores dos povos os dominam e que os seus maiores exercem autoridade sobre eles. Mas entre vocês não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vocês, que se coloque a serviço dos outros; e quem quiser ser o primeiro entre vocês, que seja servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos* (Marcos 10:42-45). Vale a pena recordar o princípio dos quatro esses praticado na estrutura de liderança que funciona como rede de cuidados: **S**erviço ao **S**ubordinado e **S**ubmissão ao **S**uperior ilustrado no gráfico abaixo

O Campo é o mundo – Colheita

Mateus 9.36-38; Lucas 15.1[↑]2

Submissão ao
Superior
Serviço ao
Subordinado
Marcos 10.44-45



Agora, faça uma pausa e reflitam 

- Quais foram as pessoas que cuidaram de cada um de vocês, mesmo sem um sistema organizado, na igreja como corpo vivo de Cristo.
- O que mudará em nossas células se colocarmos em prática a estrutura de liderança como rede de cuidado pessoal?
- Meditem neste provérbio chinês: *se você deseja colher frutos em um ano, plante trigo; se você deseja colher frutos em dez anos, plante árvores; mas se você deseja colher frutos para sempre, plante pessoas.*

3. Relacionamento com a administração da igreja

O líder deve estar atento às normas e aos procedimentos que constam na Agenda Anual da Igreja. Qualquer dúvida deve ser esclarecida com o supervisor ou o com superintendente ou com as secretárias que atendem à igreja. Deve também observar as orientações que são publicadas no Boletim Semanal para a reunião da célula, principalmente a pastoral e o roteiro. Deve acessar com frequência o site da igreja na internet para tomar conhecimento de programações, orientações, anexos etc.

Os relatórios semanais devem ser rigorosamente preenchidos e enviados. As instruções e solicitações enviadas pela secretaria devem ser atendidas. Quanto às rotinas administrativas que constam na Agenda, devem merecer especial cuidado os procedimentos para recepção e exclusão de membros: batismo de

menores, profissão de fé, batismo e profissão de fé, transferência e jurisdição. Quanto à exclusão de membros, a decisão só pode ser tomada pelo Conselho depois que todas as providências forem executadas.

As instruções sobre a educação cristã visam: a) orientar os líderes para que todos os que são recebidos como membros da igreja deem os primeiros passos na jornada cristã através do discipulado pessoal e do curso para os novos; b) encaminhar os novos membros para que façam os cursos de formação cristã para crescimento em maturidade; c) finalmente, direcionar para os cursos de treinamento os que vão se preparar não só para líderes, supervisores e superintendentes de células, mas para outros ministérios que devem ser exercidos na célula, na celebração, nas áreas de apoio e no contexto da vida diária de cada membro.

Conclusão

A vida e missão da igreja, na visão proposta, fluem das bases. Os que pertencem à “Igreja em potencial” podem ser alcançados pelo testemunho do evangelho por intermédio dos membros das células. Os que se rendem a Cristo como Senhor e Salvador são batizados, integrados na comunhão, discipulados para discipular outros e treinados para o exercício de ministérios e liderança. A estrutura de liderança pode ser vista como um plano de carreira nos princípios do reino de Deus. Todos os que participam das comunidades de base têm a oportunidade de se tornarem líderes de células, supervisores de líderes, superintendentes de área, pastores de distrito e até pastor titular. O princípio da multiplicação acontece com a multiplicação de discípulos, de discipuladores, de líderes, de células e de oportunidades para o exercício de ministérios. Na multiplicidade das células como comunidades de base da igreja local todos podem viver 1 Pedro 4.10-11. *Sirvam uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como encarregados de administrar bem a multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus lhe dá, para que, em todas as coisas, Deus seja glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence à glória e o domínio para todo o sempre. Amém!*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do líder é de fundamental importância porque ele opera na base da igreja onde as coisas acontecem de maneira real e concreta. A célula é o lar dos que se convertem e o líder é o primeiro pastor destas ovelhas. A igreja cresce com a multiplicação das células. A celebração é viva e dinâmica quando transborda a vida das células. A célula é laboratório para a formação de líderes. Toda a liderança da igreja emerge das células, da base.

Portanto, aplicam-se aos líderes as palavras do apóstolo Pedro: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, ***logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória***” (1 Pedro 5.2-4).

BIBLIOGRAFIA

AGENDA ANUAL. PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE LONDRINA.

BECKHAN, William A. *A Segunda Reforma*. MIC.

CONSTITUIÇÃO DA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL.

Klenia Fassoni, Lissander Dias, Welinton Pereira (Org.) *Uma criança os guiará. Por uma teologia da criança*. Ultimato, 2010.

MINISTÉRIO IGREJA EM CÉLULAS. *Manual do Auxiliar de Célula*. MIC, 2002.

NEIGHBOUR JR, Ralph W. *Manual do líder de célula*. MIC, 2001.

PROJETO PEDAGÓGICO DA PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE LONDRINA.

STEDMAN, Ray C. *A igreja, corpo vivo de Cristo*. Mundo Cristão, 1985.